



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DEPLA
CURSO DE JORNALISMO

LAURA DE OLIVEIRA MACHADO

***LONGFORM* PROTEÇÃO ANIMAL E INCLUSÃO SOCIAL:
NARRATIVAS E AFETOS DE VOLUNTÁRIOS NO ESTADO DO AMAPÁ**

MACAPÁ – AP

2021

LAURA DE OLIVEIRA MACHADO

***LONGFORM* PROTEÇÃO ANIMAL E INCLUSÃO SOCIAL:
NARRATIVAS E AFETOS DE VOLUNTÁRIOS NO ESTADO DO AMAPÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade Projeto Experimental apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá como requisito final para obtenção da colação de grau em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dr^a. Roberta Scheibe

Macapá – AP
2021

RESUMO

Animais abandonados na rua (ou que já nascem sob essa condição) contam com o suporte de protetores animais – pessoas que realizam trabalho voluntário para o resgate e o cuidado desses bichos. Nesta pesquisa, narramos as realidades das pessoas que se dedicam a esse trabalho no Estado do Amapá, e em paralelo, narramos a trajetória de alguns animais, mostrando a importância do papel da comunicação em questões ambientais e até comunitárias, como o voluntariado. É de suma importância levar em consideração que o voluntariado é um trabalho ainda muito invisibilizado, ficando evidente a pertinência de convertê-lo em pauta no que tange a área do jornalismo ambiental. A metodologia escolhida se dá por intermédio do resgate da memória – diante de entrevistas em profundidade com as fontes escolhidas – além da convivência com os voluntários para avaliação *in loco* das problemáticas apontadas, colocando em prática o jornalismo de imersão através de narrativas *longform*. Ademais, esta pesquisa dá-se através da argumentação do método qualitativo (MARTINO, 2018), da descrição etnográfica (LAPLATINE, 2004), da observação participante (ANGROSINO, 2009), da entrevista (MEDINA, 1986) e das histórias de vida (MARTINO, 2018). Com este trabalho, evidenciamos como a comunicação, mais especificamente o jornalismo, pode contribuir para revelar o trabalho e iniciativas ambientais na Amazônia.

Palavras-chave: Jornalismo literário. Jornalismo ambiental. Comunicação. Afeto. Proteção animal.

ABSTRACT

Animals abandoned on the street (or that are born under this condition) are supported by animal protectors – people who carry out voluntary work to rescue and care for these animals. In this research, we narrate the realities of people who dedicate themselves to this work in the State of Amapá, and in parallel, we narrate the trajectory of some animals, showing the importance of the role of communication in environmental and even community issues, such as volunteering. It is extremely important to take into account that volunteering is a job that is still very invisible, and the relevance of making it an issue in the area of environmental journalism is evident. The chosen methodology takes place through the rescue of memory – in the face of in-depth interviews with the chosen sources – in addition to living with volunteers for an in loco assessment of the problems identified, putting into practice immersive journalism through longform narratives. Furthermore, this research takes place through the argumentation of the qualitative method (MARTINO, 2018), ethnographic description (LAPLATINE, 2004), participant observation (ANGROSINO, 2009), interview (MEDINA, 1986) and life stories (MARTINO, 2018). With this work, we show how communication, more specifically journalism, can contribute to reveal the work and environmental initiatives in the Amazon.

Keywords: Literary journalism. Environmental journalism. Communication. Affection. Animal protection.

**LONGFORM PROTEÇÃO ANIMAL E INCLUSÃO SOCIAL:
NARRATIVAS E AFETOS DE VOLUNTÁRIOS NO ESTADO DO AMAPÁ**

LAURA DE OLIVEIRA MACHADO

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Roberta Scheibe
Presidente da Banca Examinadora
Orientadora

Prof. Dr. Ivan Carlo Andrade de Oliveira
1º Avaliador

Profa. Dra. Lylian Caroline Maciel Rodrigues
2ª Avaliadora

Às forças da natureza que me guiam, à minha família e aos animais, minha principal razão para continuar existindo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pirâmide invertida do jornalismo tradicional.	28
Figura 2 - Proposta de pirâmide deitada.	30
Figura 3 - Tentativa de resgate de memória de protetora entrevistada.	35
Figura 4 - Exemplo de diálogo, narração, descrição e construção cena a cena em um mesmo parágrafo.....	39
Figura 5 - Exemplo de flashback destacado no texto.....	39
Figura 6 - Painel de controle da plataforma Wix, utilizada para criação do site.	40
Figura 7 - Texto inicial da seção Amigo Bicho.	41
Figura 8 - Caixa disponível para envio de histórias na seção Amigo Bicho.....	41
Figura 9 - Início das histórias enviadas para a seção Amigo Bicho.....	42
Figura 10 - Continuação de histórias enviadas para a seção Amigo Bicho.	42
Figura 11 - Imagem de entrada do longform elaborado por mim.	44
Figura 12 - Imagem de abertura da seção Obra da natureza.	44
Figura 13 - Imagem de abertura da seção Calla viajante.	45
Figura 14 - Imagem de abertura da seção Coração indomável.	45
Figura 15 - Imagem de abertura da seção Entre a rua e o abrigo.....	46
Figura 16 - Imagem de abertura da seção O centauro e o basilisco.....	46
Figura 17 - Imagem de abertura da seção Gaia.....	47
Figura 18 - Imagem de abertura da seção Os gatinhos mágicos.	47
Figura 19 - Imagem de abertura da seção Dores, memórias e chinelos.....	48
Figura 20 - Imagem de abertura da seção O bendito fruto perdido.	48
Figura 21 - Imagem de abertura da seção O paraíso de Eva.	49
Figura 22 - Trecho do texto disposto na seção Gaia.	50
Figura 23 - Fragmento do texto disponível no longform em que utilizamos os recursos itálico e negrito.....	50
Figura 24 - Player com áudio do depoimento e transcrição de fragmento na seção Gaia.	51
Figura 25 - Créditos ao fim do longform.	52
Figura 26 - Vídeo de encerramento do longform.....	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	7
1.2 HIPÓTESE	7
1.3 JUSTIFICATIVA	8
1.3 OBJETIVOS	8
1.3.1 Objetivo geral	8
1.3.2 Objetivos específicos	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 A FUNÇÃO SOCIAL DO JORNALISMO E A INCLUSÃO SOCIAL	10
2.2. O JORNALISMO LITERÁRIO E HUMANIZADO EM PAUTAS AMBIENTAIS	13
2.2.1 Entrevista em profundidade e imersão no jornalismo humanizado	19
2.3 AFETOS, NARRATIVAS E MEMÓRIAS	20
2.4. <i>LONGFORM</i> E HIPERMÍDIA NA LINGUAGEM JORNALÍSTICA	26
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO	37
5 CRONOGRAMA DA PESQUISA	53
6 ORÇAMENTO	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE A – Transcrição de entrevista com Eveline Baptistella, feita em 14 de agosto de 2021	60

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, por meio do decreto lei nº 24.645¹ de julho de 1934, asseguram-se alguns direitos pertencentes aos animais que garantem a qualidade de vida e as devidas punições aos que infringirem tal normatização. Entre eles, fica regimentado o crime de maus-tratos a todo e qualquer indivíduo que violentar e/ou mutilar um animal, sob risco de pena de acordo com a gravidade do delito, a cargo da autoridade vigente em cada localidade. Diante desses maus tratos, voluntários se juntam para combatê-lo, resgatando animais em situação de rua ou que estejam sendo maltratados. Em outras palavras, ‘proteção animal’ é o ato de salvaguardar a vida de toda e qualquer espécie do reino animal, prática essa considerada como uma forma de ativismo ambiental, abrindo espaço para o voluntariado em prol da causa. Mesmo com um crescimento significativo nos últimos anos, o voluntariado animal ainda sofre com as dificuldades na busca pelos direitos e na defesa da vida de seres que não são capazes de lutar pelo bem próprio.

Pensando nisso, neste trabalho utiliza-se o jornalismo como uma ferramenta de inclusão social e de transformação nos estudos da comunicação e das narrativas no voluntariado. Além disso, a prática do jornalismo de imersão e humanizado a partir da apuração jornalística foi base na busca pelas respostas do problema delimitado. Usando técnicas do jornalismo literário (MARTINEZ, 2017) e da humanização, pretende-se narrar momentos marcantes das trajetórias de voluntários voltadas à proteção animal e inclusão social a partir das histórias de vida dos entrevistados. É importante levantar as problemáticas acerca dos inúmeros casos de abandono no Brasil – que ocorrem por conta da falta de conscientização da população sobre a responsabilidade da adoção de maneira prudente – e da omissão do Estado em relação à causa animal, o que interfere significativamente no que tange a saúde pública, já que juridicamente a tutela dos animais que vivem abandonados é responsabilidade do Estado, e não de organizações do terceiro setor. Além disso, esse contexto dificulta grandemente o trabalho dos voluntários, que precisam dar conta da demanda elevada de pedidos de ajuda e abrigar os animais resgatados em suas próprias casas.

A comunicação e as relações com o voluntariado das Organizações Não-Governamentais (ONGs) na América Latina já são estudadas há algum tempo, salientando a necessidade de haver aprofundamento nas pesquisas da área, que contribuem para disseminação de conhecimento. No entanto, as histórias de vida² de protetores da causa ambiental recortam esta pesquisa de forma

¹ Decreto lei nº 24.645 na íntegra. Disponível em: <arcabrasil.org.br/index.php/decreto-lei-n-24-645/>. Acesso em: 29 out. 2018.

² Termo cunhado por Edvaldo Pereira Lima, que se refere a entrevistas com foco no depoimento e nas trajetórias de vida dos entrevistados, com o objetivo de reforçar a humanização do sujeito. Disponível no livro “Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura”.

singular no partilhar de vivências singulares que carregam muito afeto. Para expandir o arcabouço teórico deste estudo, são utilizados os atributos do jornalismo digital (CANAVILHAS, 2006), bem como o jornalismo de imersão sob a ótica dos estudos das narrativas *longform* (CANAVILHAS, 2014).

Entende-se por *longform* qualquer produção rica em textos, imagens, áudios, vídeos e conteúdos interativos, priorizando o “[...] resgate da qualidade, apuração e contextualização” (LONGHI; WINQUES, 2015, p. 09). O emprego desse recurso é uma alternativa à utilização do microconteúdo – textos pequenos, produzidos em poucos caracteres, como ocorre nas redes sociais, mais especificamente no *Twitter* – e objetiva a produção de materiais educacionais complexos, havendo a possibilidade de usar recursos disponibilizados pela internet para a criação de textos longos e profundos que estejam dispostos de maneira mais visualmente atrativa. A densidade é uma característica predominante na construção do *longform*, já que o foco é a construção de um produto de qualidade, muito bem apurado e detalhado, mas sem perder a interatividade que o ambiente digital proporciona.

Assim, este projeto experimental consiste em um site – criado com base no *longform* – que traz histórias de voluntários da proteção animal do Estado do Amapá, evidenciando as dificuldades da causa e, principalmente, colocando os perfilados (VILAS BOAS, 2003) como protagonistas de suas próprias histórias de vida (MARTINO, 2018), considerando que essa ainda é uma problemática social latente. Por meio desta pesquisa, busca-se salientar a importância da função socioambiental realizada pelas ONGs de amparo aos animais, utilizando recursos audiovisuais – incluindo foto dos animais e dos perfilados, vídeos, elementos interativos, áudios e textos. Dessa forma, foi possível mostrar o máximo de conteúdo construído em etapa de coleta, o que não seria viável por meio de outras alternativas.

No site **amor4patas.com.br**³, a mídia é concentrada, em sua maioria, na mesma página e combinada com um design responsivo – o conteúdo pode ser adaptado aos vários dispositivos digitais usados pelo usuário. A essa característica chamada de “paralaxe” (CANAVILHAS, 2014) se atribui o valor de conteúdo imersivo, já que a rolagem vertical tende a atrair mais o leitor e facilitar sua navegação pela internet. Atualmente, conteúdos que coexistem no ambiente físico e também no digital possuem maior facilidade de aceitação, além de conseguirem alcançar diferentes tipos de público.

Neste projeto, busca-se o emprego de uma junção de técnicas e de ferramentas. Para a construção do banco de dados e do conteúdo digital que será acessado pelo leitor, utiliza-se a

³ *Longform* “Amor em 4 patas” criada como projeto experimental vinculado a este memorial.

plataforma *Wix*, atrelada a narrativas visuais interativas da própria ferramenta, e as de apoio externo – como ilustrações e textos mais criativos – produzidas exclusivamente para este trabalho. Na escrita das reportagens, optamos por utilizar técnicas do jornalismo literário (MARTINEZ, 2017) para estruturar e fundamentar as histórias. Sendo assim, para conseguir detalhar e buscar maior profundidade na biografia do entrevistado e em suas narrativas, os textos possuem linguagem descritiva, objetivando a reconstrução das memórias e vivências da fonte, colocando em prática o jornalismo de imersão.

Por fim, este trabalho se estrutura em quatro capítulos – sem contar a introdução. No *referencial teórico*, busca-se explicar acerca da função social do jornalismo e a importância desse para a inclusão social, além de discutir sobre a importância do jornalismo literário e humanizado em pautas ambientais. No terceiro capítulo, explica-se quais norteamentos metodológicos nos guiaram na construção desta pesquisa. Já no quarto capítulo, há aprofundamento na descrição do *longform* construído para este trabalho, com imagens e exemplos retirados do site elaborado por mim. Aborda-se rapidamente – por meio de um quadro – o cronograma proposto para esta pesquisa no quinto capítulo, finalizando nossa explanação no capítulo de conclusão – em que trazemos os resultados deste trabalho, além do orçamento trabalhado neste projeto.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Busca-se, com esta pesquisa, entender de que forma o exercício jornalístico voltado para as narrativas e afetos influenciam na inclusão social. A prática do jornalismo de imersão e humanizado a partir da apuração jornalística será a base na busca pelas respostas do problema desta pesquisa, pois o foco é entender, por meio das narrativas e do afeto, como o voluntariado pode ser incluído socialmente como uma forma de ativismo ambiental a partir da comunicação.

1.2 HIPÓTESE

Apesar da falta de exposição do assunto trabalhado neste memorial, percebe-se a riqueza do tema desde o princípio deste projeto – visto meu envolvimento direto com a causa animal. Pensando nisso, alinharam-se algumas hipóteses neste memorial, sendo elas: a possibilidade de destaque de trabalho voluntário na causa animal, por intermédio de diferentes abordagens comunicacionais, principalmente a partir do jornalismo ambiental; a inclusão social de voluntários, com destaque nas narrativas, poderá ajudar na viabilização de políticas públicas relacionadas ao meio ambiente e aos animais; os atos voluntários podem ser divulgados e explicados por meio da prática da comunicação comunitária.

1.3 JUSTIFICATIVA

É muito difícil falar sobre este trabalho sem rememorar a minha infância. Desde pequena, tenho uma paixão pelo meio ambiente – mais especificamente pelos animais. Mais tarde, essa paixão se tornaria faísca para que eu iniciasse meus trabalhos no voluntariado animal. Na ONG Gateiros Tucujús, pude acompanhar a vida de muitos protetores e entender, também a partir da minha vivência, os problemas e dificuldades enfrentadas pelos voluntários. Além disso, deparei-me com o sofrimento dos animais em situação de rua e de maus tratos.

Percebendo o descaso governamental e midiático em relação à causa animal, senti uma necessidade urgente de fazer algo a mais por esses seres desamparados. Assim, este trabalho surge diante dessa vontade e da possibilidade de usar o jornalismo como ferramenta de conscientização acerca da vida dos voluntários e dos percalços enfrentados pelos animais. Em outras palavras, por meio das inúmeras possibilidades que o jornalismo proporciona, é possível realizar o sonho de viabilizar espaços para que os voluntários da causa animal possam contar suas próprias histórias, de forma que eles contribuam para a realidade social através da reconstrução de memórias.

Ademais, os dados e informações levantados neste trabalho são de grande relevância para os âmbitos do jornalismo literário – através das narrativas contadas de diferentes formas a partir de diversos pontos de vista – e ambiental – pela concentração de informações pertinentes à saúde pública. Este projeto surgiu como uma tentativa de inserir e dar visibilidade a esse público ainda desvalorizado e marginalizado, por meio do ato de narrar a história de agentes transformadores da realidade coletiva.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Produzir uma narrativa longform cuja temática aborde o amor pelos animais e o trabalho voluntário de protetores da causa, demonstrando como a comunicação pode ser uma aliada na inclusão social de voluntários da proteção animal e transformando realidades e utilizando o jornalismo para dar espaço a uma causa ainda marginalizada. Dessa forma, há possibilidade de os resultados contribuírem significativamente não só com o trabalho voluntário, mas com a saúde pública e o meio ambiente no Estado do Amapá.

1.3.2 Objetivos específicos

- Levantar relatos de voluntários da proteção animal por meio de entrevistas aprofundadas, selecionando as narrativas mais adequadas para viabilizar as histórias por meio do jornalismo literário;

- Separar e decupar o conteúdo recolhido para agregá-lo à pesquisa, divulgando resultados pertinentes socialmente e que contribuam com o movimento do voluntariado e da proteção animal, e publicando-os com ferramentas digitais;
- Realizar uma *longform* utilizando a temática retratada em textos, elementos gráficos, fotos e materiais audiovisuais e, no memorial, refletir sobre a importância do jornalismo de imersão na reconstrução de histórias que possam viabilizar o pensamento de políticas públicas de auxílio socioambiental.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A FUNÇÃO SOCIAL DO JORNALISMO E A INCLUSÃO SOCIAL

Muito se discute sobre o papel social do jornalista e suas atribuições enquanto comunicador. Há tempos a profissão se reinventa para permanecer existindo e fazendo a diferença, mesmo com a desvalorização e com os ataques sofridos por quem é da área. Ao contrário do que se pensa, o jornalista não tem a obrigação de ajudar todas as pessoas que entrevista, pois sua função é justamente contar histórias. O que é de sua competência, no entanto, é evidenciar as narrativas para que então os agentes sociais responsáveis possam mudar a realidade daquele sujeito. Em outras palavras, o jornalista não deve ser responsabilizado por demandas de Estados e Municípios; o papel do comunicador é o de ouvir e contar histórias. A comunicação possui a atribuição de refletir a realidade invisibilizada, convocando os atores sociais para o centro do debate. O jornalista é o profissional dos recortes: ele escolhe aquilo que há de mais diferente ou que necessita de mais destaque e evidencia. Por isso, mesmo que uma história seja contada mil vezes, ela jamais será a mesma.

O TAB Uol é um exemplo de alguns dos trabalhos produzidos recentemente, de forma aprofundada e com recortes diferenciados, que vêm ganhando a cada dia mais espaço no gosto dos leitores. Duas vidas que foram pautadas em reportagens do TAB foram totalmente mudadas após a repercussão dos trabalhos veiculados em 2021. *'Será que Deus me ouve?' Famílias vivem em calçada de universidade no Ceará* (GUEDES, 2021) conta a história de Vânia Souza, que montou acampamento na calçada da Universidade Estadual do Ceará por não ter mais condições de pagar o aluguel. Com o alcance do texto, a vaquinha que fora aberta para custear uma nova moradia arrecadou quase o dobro do valor, logo após a publicação do TAB. O mesmo aconteceu com Oceya de Souza, de Salvador, em *A professora de português que vive há cinco meses em um aeroporto* (LYRIO, 2021). A equipe de reportagem conversou com várias pessoas e muitas suposições também foram levantadas sobre a história de Oceya. No final, após a publicação do texto, a mulher letrada passou a ser ajudada pela Defensoria Pública da Bahia, depois de cinco meses vivendo no aeroporto de Salvador. Assim como Vânia Souza, a professora também recebeu ajuda financeira por meio de uma vaquinha online.

Os exemplos mostram como o jornalismo pode ser uma ferramenta de transformação social mediante ao ato de contar histórias e de refletir a realidade. Percebe-se essa mudança, em sua maioria, nas histórias de pessoas que vivem em contexto de vulnerabilidade social, como no caso das reportagens citadas anteriormente. Ambas as mulheres necessitavam de apoio do poder público e, mesmo que esse ainda não seja o mesmo final para tantas outras pessoas que precisam, essas

histórias começam a escancarar, gradativamente, a realidade na qual muitos brasileiros vivem. Sobre a importância do papel do jornalista, Oliveira elucida que

Pensar as estruturas cotidianas de comunicação que possam se cristalizar pelas práticas jornalísticas comunitárias para viabilizar movimentos de transformação, também envolvem o exercício de pensar continuamente a construção social do conhecimento. Engloba, desta forma, a atuação de atores em rede para desenvolver mecanismos que possibilitem, em algum grau, o distanciamento da voz hegemônica da mídia corporativa, do estabelecimento de novos enquadramentos e da publicização de questões até então não ditas (OLIVEIRA, 2020, p. 1-2).

O jornalismo, em sua essência, é pautado na construção de ações que resultem no crescimento social por meio da comunicação. Isso significa dizer que a constituição do conhecimento também perpassa pelo compartilhamento de informações, principalmente no envolvimento de todos os “atores”, como afirma Oliveira (2020), tendo em vista que o exercício do jornalismo comunitário é também uma maneira de se contrapor à tradicional “mídia corporativa” e “hegemônica”:

(...) os jornalistas possuem atuação essencial para estimular o desenvolvimento do conhecimento e do pensamento crítico junto ao público. A busca pela melhor compreensão dos fatos e pela reflexão sobre o senso comum se configuram como instrumento catalizador da transformação social e do estabelecimento de níveis de participação, ou contestação, em relação às práticas comunicacionais alternativas e hegemônicas (OLIVEIRA, 2020, p. 6).

A comunicação comunitária compreende que cada ser humano vive em um diferente contexto social das múltiplas realidades existentes. Esse entendimento é um dos principais potenciais que catalisam as mudanças de cenário, visto que o jornalismo, mesmo que em sua forma teórica, é capaz de tocar a vida das pessoas. O trabalho voluntário é um desses processos de humanização do sujeito e, nos aspectos comunicacionais, influencia em seu modo de relação com a sociedade. Giacomini e Almeida (2016), estudiosos das ações voluntárias na comunicação da América Latina, ressaltam a importância do envolvimento social para o profissional:

[...] estima-se que nas ações voluntárias há o envolvimento de distintos atores sociais, como profissionais, universidades e estudantes, que ao exercer o voluntariado em comunicação, orientam seus propósitos na direção da construção de uma nova cidadania. A opção pelo voluntariado significa adesão a causas, algo que ocorre por distintas motivações, seja por altruísmo ou identificação ideológica, seja pelo engajamento às questões sociais ou aprimoramento profissional. O trabalho voluntário incentiva soluções inovadoras, caso de estudantes universitários que vivenciam experiências que ultrapassam os limites da burocracia ou fórmulas já testadas no mercado tradicional (GIACOMINI; ALMEIDA, 2016, p. 192).

Ademais, é preciso evidenciar a importância de narrativas mais humanizadas no jornalismo quando a pauta tiver como foco o meio ambiente. Na grande mídia, é possível observar a sobreposição de dados, estatísticas e informações, muitas vezes, em detrimento de vidas,

especialmente as não-humanas. A esse fenômeno, denomina-se especismo⁴, que nada mais é do que o ato de escolher qual vida – não-humana – possui qualidades significativas para estar na convivência entre pessoas e quais devem ser subservientes:

Nossas atitudes para com os animais começam a se formar quando somos pequenos, e são dominadas pelo fato de que começamos a comer carne em idade muito precoce. (...) A afeição da criança pelos animais é direcionada para os que não são comidos: cães, gatos e outros espécimes de estimação (SINGER, 2010, p. 310-311).

Isso configura dizer que as relações entre homem e espécies não-humanas são sempre permeadas pela exploração, em algum grau, de seus potenciais mais abundantes, seja a força para servir como transporte ou mesmo os próprios corpos, como alimento e matéria-prima. “Apenas mediante o rompimento radical com mais de dois mil anos de pensamento ocidental relativo aos animais poderemos construir uma base sólida para a extinção dessa exploração” (SINGER, 2010, p. 310).

Seguindo no mesmo caminho, é necessário pontuar que as ações voluntárias são práticas sociais e comunitárias, ou seja, contribuem para o desenvolvimento humano e profissional, tendo em vista que em boa parte das ações o contato com o público é direto – o que influencia nas relações coletivas que fortalecem o processo de identidade e pertencimento comum. Assim, de forma intimamente afetuosa e com trabalho árduo, o voluntariado se associa ao meio ambiente e à proteção animal. Sobre isso, Dias (2007) defende a ideia de que os direitos dos animais dependem da capacidade de altruísmo do ser humano, explicando que

Para reconhecermos os direitos dos animais temos que repensar muitas coisas e mudar nossas relações com o meio ambiente. O movimento de libertação dos animais exigirá um altruísmo maior que qualquer outro, o feminismo, o racismo, já que os animais não podem exigir a própria libertação. Como seres mais conscientes temos o dever não só de respeitar todas as formas de vida, como o de tomar providências para evitar o sofrimento de outros seres (DIAS, 2007, p. 154).

Fica evidente que a libertação desses seres – tão vulneráveis e sem voz – depende principalmente dos seres humanos, tendo em vista a relação de exploração e a utilização dos animais como objetos, conseqüente de uma sociedade que tem em sua estrutura o especismo. Considerando o cenário observado na vivência da causa animal e no referencial analisado e apresentado nesta seção, acredita-se que o processo emancipatório dos animais ainda pode demorar muitos e muitos anos. Ademais, outro fator que contribui para o aumento da superpopulação de bichos nas ruas é a omissão do poder público em relação às medidas de saúde que envolvem os animais. A ausência de políticas públicas específicas interfere não só na

⁴ Ato de inferiorizar, explorar e/ou se beneficiar de algum modo, de outras espécies que não sejam a humana. Caracteriza-se como uma relação de discriminação.

qualidade de vida da sociedade, mas no direito à existência e ao amparo desses seres, já que juridicamente a tutela dos animais que vivem abandonados é responsabilidade do Estado, e não de organizações do terceiro setor.

Dito isso, é explícito o papel do jornalismo no que tange às pautas ambientais. Entretanto, é necessário considerar a sensibilidade da causa animal e do trabalho feito pelos protetores. Para debater mais sobre isso e apresentar aporte teórico sobre o assunto, apresenta-se a seção seguinte.

2.2. O JORNALISMO LITERÁRIO E HUMANIZADO EM PAUTAS AMBIENTAIS

Geralmente, conhece-se o jornalismo por conta do tom sério dado a matérias produzidas e a pautas selecionadas – sendo esse o tradicional. Entretanto, é preciso demarcar as diversas formas de se fazer jornalismo, visto que as técnicas utilizadas mudam com o decorrer dos anos. Após sua remodelação e absorvendo técnicas da literatura, o jornalismo literário foge da objetividade estabelecida pelo jornalismo tradicional, criando a possibilidade de haver mais liberdade na hora de escrever e unindo o texto verbal a elementos estéticos. Monica Martinez (2017) defende que as produções literárias são “vivas”, sendo assim, únicas:

Neste sentido, um aspecto interessante do Jornalismo Literário é justamente a possibilidade de se acompanhar os altos e baixos da produção de um mesmo autor, uma vez que podemos apreciar uma peça produzida e desgostar de outra que venha em seguida. Como não é padronizada, a produção é viva, em constante processo, sujeita a erros e acertos (MARTINEZ, 2017, p. 28).

A literatura permite uma produção diferenciada de uma mesma temática – ou seja, mesmo que um autor tenha uma linha de trabalho já marcada, sua criação escrita a partir das técnicas do jornalismo literário terá uma linha estética totalmente diferente. Entretanto, apesar de fugir do tradicionalismo, o jornalismo literário também conta com técnicas e normas que permeiam sua existência. Para a viabilização dele, Lima (1995) sugere algumas técnicas que devem nortear as narrativas no momento da construção, sendo elas o *sumário* ou *exposição*, a *cena presentificada da ação* e o *ponto de vista*.

O *sumário* ou *exposição* trata de uma síntese dos acontecimentos que remetem ao eixo central da história. A *cena presentificada da ação* nada mais é do que o desdobramento detalhado do fato em crescimento junto com as narrativas, ambientando o leitor. O *ponto de vista*, como o próprio nome afirma, discorre acerca do lugar do qual a história vai ser contada. Além disso, Lima (1995) explica outros pontos que também auxiliam a nortear a escrita, pontuando que “(...) a metáfora e as figuras de retórica são aceitas quando se necessita explicar um tópico complexo; as citações diretas são usadas moderadamente; as fontes são identificadas claramente, a verificação dos dados tem de ser criteriosa e a documentação deve ser sólida” (LIMA, 1995, p. 158).

Neste projeto experimental, as técnicas sugeridas por Lima (1995) foram munição para a construção do texto apresentado no *longform*. Um dos exemplos dessa execução é um trecho do último parágrafo do capítulo *Entre a rua e o abrigo*, que exemplifica duas das técnicas citadas pelo autor: o ponto de vista e o uso moderado das citações diretas. “No caminho de volta para casa, Laudénice vez ou outra apontava um animal na rua. ‘Aquela ali tá recém-parida’. Cada esquina, para um protetor, tem um peso diferente”⁵.

Para a viabilização do deslanchar das narrativas, alguns métodos e técnicas são essenciais para que a construção do material seja feita. Entre eles, entende-se a entrevista como um dos mais importantes. Por meio dessa ferramenta, é possível esmiuçar e adentrar na realidade do entrevistado, sendo de suma importância a capacitação do entrevistador para fazê-lo. Isso é dito por haver compreensão de que um bom entrevistador consegue levantar bons depoimentos e desenvolver um diálogo eficaz e profundo com a fonte, além de transparecer, por meio do próprio texto, as emoções sentidas e vividas pela entrevista. Sobre isso, Medina (1986) pontua que

Um leitor, ouvinte ou telespectador sente quando determinada entrevista passa emoção, autenticidade, no discurso enunciado tanto pelo entrevistado quanto no encaminhamento das perguntas pelo entrevistador. Ocorre, com limpidez, o fenômeno da identificação, ou seja, os três envolvidos (fonte de informação – repórter – receptor) se interligam numa única vivência (MEDINA, 1986, p. 5).

Dito isso, precisa-se pontuar que a imersão é parte essencial do jornalismo humanizado, pois é possível encontrar ligações que possam fazer sentido e despertar a emoção do público leitor ao conhecer a história de vida das pessoas. Vale ressaltar que os roteiros e questionários preparados como base para uma entrevista devem funcionar como um guia, mas o jornalista não pode se tornar refém do que consta ali, afinal, o objetivo da imersão e do jornalismo em profundidade é mostrar além do que comumente se vê – ou seja, os pormenores e sutilezas de uma boa história. Os questionários pré-definidos acabam engessando e limitando as possibilidades de resposta, já que a fonte também percebe quando o intuito da entrevista é apenas confirmar respostas já consolidadas e, por isso, não revela mais do que o entrevistador se mostra interessado em saber. Considerando que a fonte precisa confiar no jornalista e sentir que ele está ali para, de fato, ouvi-la e não somente buscar uma informação, defende-se aqui que o olho no olho substitui qualquer roteiro em formato tradicional. Assim, a maior premissa do jornalismo literário e do imersivo é estar disposto a ouvir mais do que falar, proporcionando espaço de acolhimento por meio da escuta atenta. Sobre o jornalismo de imersão, Hidalgo e Barrero (2016) expõem que

No jornalismo de imersão, o profissional adentra um ambiente, comunidade ou situação, durante um tempo determinado para experimentar em sua própria pele as vivências que

⁵ Capítulo disponível em <<https://www.amor4patas.com.br/entre-a-rua-e-o-abrigo>>.

um dia contará, interagir com os habitantes desse microespaço e depois narrar de uma perspectiva pessoal e empática aqueles recortes de vida (HIDALGO; BARRERO, 2016, p. 104).

É preciso pensar que a rapidez da produção de conteúdo do jornalismo feito diariamente pode dificultar o contato do profissional com as fontes entrevistadas, produzindo casos semelhantes ao exemplificado no parágrafo acima. Isso distancia a apuração de uma das principais características da comunicação, e conseqüentemente, o jornalista não consegue colocar em prática a imersão na criação de novas narrativas. Moreira (2014), uma das principais autoras que discute sobre isso, afirma que

É condição do próprio campo da etnografia certa aproximação com o objeto narrado e as interpretações virão necessariamente de um pesquisador, de uma subjetividade. Esse é talvez o principal diferencial do fazer jornalístico. Com a pressão das rotinas de produção e os modos industriais de construção dos textos, a possibilidade de encontro/distanciamento com o narrado torna-se problemático. O jornalista então se exime da possibilidade de fazer imersão em prol do elemento noticioso, da informação (MOREIRA, 2014, p. 3).

No mesmo caminho, Medina (1986) afirma que, por vezes, o entrevistador é apenas um reprodutor de perguntas retóricas. Segundo o autor, na maioria das vezes o comunicador é responsável pelo ritmo da entrevista e pode até mesmo pré-estabelecer as respostas, ou seja, “o interlocutor é conduzido a tais resultados (...) O que menos interessa é o modo de ser e o modo de dizer daquela pessoa” (MEDINA, 1986, p. 6-7).

No texto, o desenrolar das narrativas depende do jornalista – especificamente da habilidade de descrever e relatar com riqueza de detalhes determinada história, sempre focando no lado humano das pessoas. O profissional, dessa forma, transforma-se em um observador com a missão de tecer palavras, de maneira que o texto seja uma reconstrução da memória vivida e possibilite ao receptor o entendimento das narrativas, ainda que não as tenha vivido de fato.

Entretanto, é necessário pontuar que a imersão no jornalismo literário coloca o profissional como peça fundamental no jogo, sendo às vezes observador, outras vezes parte da soma. O mergulho na vivência em muito contribui para a construção da pauta, de forma que o profissional compreenda o que é dito por quem de fato vive a realidade no dia a dia. No caso dessa pesquisa, a minha vivência⁶ foi fundamental para a compreensão da importância da pauta em questão – a vida de protetores animais. Ademais, é importante frisar que não cabe ao jornalista a função de juiz ou mediador de uma situação. A comunicação entra para permear as narrativas pelo ato de recontar

⁶ Falo em primeira pessoa por achar importante reforçar a importância da minha vivência pessoal para a construção do *longform* e desta pesquisa.

histórias, e não com o objetivo de determinar sua veracidade, tampouco sentenciar quem quer se seja. Sobre a importância de estar imerso em campo, Lima discorre que

Em campo, esses escritores trabalham muitas vezes com sociólogos, absorvendo então a técnica, cujo princípio pode ser simplificado de um modo bem direto: o autor só consegue conhecer bem a realidade se mergulha nela sem reservas, atento, vivendo a vida das pessoas e dos grupos sociais que habitam aquele local. Tenta deixar de fora seus preconceitos. Fica um bom tempo por lá. Come a comida dos seus personagens, passa pelas mesmas experiências, segue a rotina de vida e enfrenta os desafios do dia a dia do mesmo jeito que eles. E fica focado para descobrir, nas relações entre eles, os padrões de valores, comportamento, hábitos que o permitam compreendê-los. Então escreve e conta a história deles, enxergando a situação, tanto quanto possível, com o olhar desses grupos sociais (LIMA, 2014, p. 69)

Além disso, o autor salienta a solidez das bases que constroem o jornalismo literário – elencando-as como “postura do repórter, observação da realidade, vivência de experiências, inúmeras técnicas narrativas” (LIMA, 2014, p. 84). Segundo o autor, a formação e a experiência do profissional, além das pautas selecionadas são importantes. No entanto, mesmo com todas essas características, é necessário explorar mais o contexto social, visto que ter aporte teórico e técnico não basta para a construção de um jornalismo sensível, construído com afeto – questão sobre a qual discutir-se-á mais à frente.

Lima (2014) explica que há preferência da mídia pelo trágico, pelas tristezas e pelo que ele considera como derrotista. À medida que a comunicação levanta muros de pautas que evidenciam apenas o pior do mundo e do ser humano, “(...) o efeito pode ser ruim. As pessoas podem achar que o mundo não tem jeito, que tudo está perdido, que a humanidade não tem futuro, exceto se destruir” (LIMA, 2014, p. 84). Obviamente, esse pensamento não exime o papel dos profissionais de dar notícias tidas como ruins, mas reforça a necessidade de buscar outros focos, para não espetacularizar o sofrimento alheio, mostrando também as ações que transformaram a sociedade positivamente.

Arelado aos estudos do jornalismo literário, a memória também possui seu grau de importância e de significado, traduzindo o lado mais subjetivo de cada indivíduo. A reconstrução de memórias por meio da palavra necessita de um olhar atento ao desconhecido e, principalmente, da sensibilidade para saber ouvir e recontar com o máximo de verdade. Cada pessoa enxerga o mundo de forma única. Pelo jornalismo literário, é possível captar características singulares que recortam histórias de diferentes modos, sempre respeitando o protagonismo do sujeito no momento de se narrar. Discorrer-se-á mais sobre a memória em seções seguintes, para que a discussão fique aprofundada, da forma que o conceito deve ser explanado.

No *longform* em questão, os capítulos autobiográficos escritos por mim partem, em sua maioria, de memórias de infância que foram mais significativas, portanto, mais marcantes. Mesmo

anos após os acontecimentos, cada história possui seu lugar de rememoração e pode ser ressignificada quando contada novamente. Esse fenômeno de recontar histórias também é um processo de transformação, das narrativas e do próprio sujeito que as produz.

À época, quando criança, eu não tinha dimensão de toda a luta por trás da existência dos animais. No capítulo *A galinha de ouro*⁷, o eixo central gira em torno da morte de uma galinha que era considerada um pet. Mesmo que naquela idade ainda me alimentasse de animais como aquela galinha, esse indivíduo era considerado diferente. Quando me tornei vegetariana, a visão de mundo, antes restrita, expandiu-se e influenciou consideravelmente na hora de contar a mesma história, ainda que em épocas diferentes na vida de uma mesma pessoa. As experiências vividas e adquiridas também somam na colcha de retalhos a qual me refiro.

É importante também se ater à questão de quem constrói a narrativa – ou seja, o jornalista. Ao narrar um acontecimento já contado por outra pessoa e que já sofreu as afetações da memória descritas anteriormente, o jornalista também influencia no texto, visto que está cerceado pelas questões e visões que abarcam a própria vida. Desse modo, as histórias – mesmo que contadas de forma verossímil – apresentarão diferenças, que Leal destaca como sendo consequência do contexto de cada pessoa.

Quando narramos, siempre contamos otra historia, no sólo porque cada contexto es único, sino también porque los interlocutores se diferencian y porque la organización que generamos narrativamente conlleva, al menos, diferencias sutiles. (LEAL, 2014, p. 165).

Para mais, em entrevista para a produção deste trabalho, a jornalista e pesquisadora Eveline dos Santos Teixeira Baptistella, referência nacional e internacional dos estudos sobre as relações entre animais humanos e não-humanos, falou sobre como a mídia ainda enxerga outras espécies não-humanas como inferiores – ou seja, como se suas existências fossem em função de resoluções práticas para a vida de seres humanos – e a linguagem utilizada em conteúdos jornalísticos acaba influenciando a visão das pessoas acerca do assunto, contribuindo para mais desconhecimento. A jornalista na entrevista explica que “estamos em uma sociedade em que o animal, para sobreviver, precisa ter valor de uso. Nós avançamos, porque até pouquíssimo tempo atrás não tínhamos nada, mas ainda falta muito” (BAPTISTELLA, 2021)⁸. Continuando no mesmo raciocínio, a pesquisadora reafirma:

Eu tenho uma luta muito grande contra o termo senciência, pois ele é a primeira expressão do nosso especismo. Inventamos uma palavra para dizer que a consciência do animal é inferior à nossa. Quando falamos para um pombo, uma barata ou um rato, não temos como medir o que ele está experimentando de vida, assim como o seu vizinho não tem

⁷ Capítulo do *longform* disponível em <<https://www.amor4patas.com.br/a-galinha-de-ouro>>.

⁸ Entrevista completa disponível no Apêndice A desta pesquisa.

como medir o que você está experimentando. Se nos colocarmos diante de um raio de sol em um dia frio, não teremos experiências similares. Prefiro o termo consciência animal (BAPTISTELLA, 2021, s.p.).

A mídia possui um valor imensurável na desconstrução de uma linguagem voltada apenas para vidas humanas. Os discursos especistas utilizados em pautas ambientais restringem a amplitude do que de fato representa o meio ambiente e como isso vai além de apenas matérias curtas que nascem de desastres que envolvem a natureza. Antes de surgir como um espelho que reflete apenas a tragédia já pronta, deve-se mostrar os motivos que ocasionam tal evento e suas consequências para todas as espécies, sejam elas a humana ou não-humanas.

Um exemplo de como a mídia geralmente lida com a causa animal é a veiculação de informações acerca do agronegócio. Muitas vezes, veículos que possuem vínculo publicitário com empresas e indústrias financiadoras do agronegócio não apresentam os pontos negativos da prática, mas colocam como causador outro agente – que também contribui para a devastação, mas não como ativo principal – que responda como culpado. Esses discursos deturpam a visão social sobre a realidade, que pode ser maximizada ou minimizada, de acordo com a abordagem dada pelo comunicador – isso inclui a pesquisa na área jornalística. Pinto (2021) discorre sobre essa ausência de arcabouço teórico, da falta de diversidade e aprofundamento na comunicação, e de discursos que também englobem a consciência animal:

Apesar desses avanços, entretanto, ainda são escassos os trabalhos acadêmicos que discutem particularmente o especismo no jornalismo brasileiro. A perspectiva dos direitos animais é praticamente ignorada entre os pesquisadores da área, mesmo entre aqueles que já estudam diferentes expressões do sexismo, racismo e suas várias interseccionalidades na imprensa contemporânea (PINTO, 2021, p. 197).

Ainda durante a entrevista, Baptistella deixa explícito seu descontentamento com a atenção estatal em relação à causa animal, explicando que há omissão por parte dos órgãos responsáveis. “Tenho sempre comigo uma frase: ‘eu não me lembro de todos os animais que resgatei, mas lembro de todos que eu não resgatei’. A ideia da proteção animal é muito importante, mas ela precisa ser bem mais visibilizada do que é, o estado também tem uma responsabilidade com esses animais” (BAPTISTELLA, 2021, s.p.). Desse modo, percebe-se que a proteção legislativa ainda é muito ineficaz, já que existem poucas diretrizes que incluem os animais, e as que existem, não são devidamente fiscalizadas, contribuindo para o aumento do número de casos de violência, por conta da impunidade.

A mídia configura a linha de frente entre o fato – em estado bruto – e a informação – já lapidada, que pode ser compreendida pelo público – funcionando como um facilitador do discurso por meio das narrativas construídas. Considerando o exposto acima, percebe-se a necessidade de haver aprofundamento na abordagem de pautas ambientais, além de editoriais especializadas sobre

o assunto. É preciso considerar a causa animal como abrangente em toda a sociedade – como de fato é – e não apenas como algo isolado. Na próxima seção, aprofundam-se as discussões acerca da entrevista e da importância dela no jornalismo humanizado.

2.2.1 Entrevista em profundidade e imersão no jornalismo humanizado

Como citado anteriormente, a entrevista e o modo como ela é feita fazem parte dos critérios de uma boa apuração jornalística. Em outras palavras, é impossível desassociá-la do jornalismo. Quando a entrevista é categorizada em um contexto de profundidade e de imersão, há sobre ela o valor de relacionamentos entre repórter e entrevistado, visto que, em conteúdos aprofundados, busca-se revelar além da superficialidade que pode ser facilmente encontrada por qualquer repórter. O objetivo é sempre informar as pessoas acerca da pauta explanada, enriquecendo os conhecimentos da população.

Medina (1986) discorre sobre essa habilidade que deve ser comum ao jornalista, em especial aos que se debruçam em narrativas mais aprofundadas. O autor explica que “se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo” (MEDINA, 1986, p. 5). Ou seja, mesmo dotado de conhecimentos teóricos sobre a técnica, nem sempre é possível estabelecer um diálogo e uma comunicação eficaz com o interlocutor, pois existem coisas que nem mesmo a teoria é capaz de ensinar – como a capacidade de humanizar as pessoas e se conectar com elas.

Medina (1986) cita ainda algumas subdivisões de uma grande entrevista, entre elas a captação de termos sobre o assunto abordado através de fontes especializadas, vários depoimentos de fontes em diferentes ângulos de uma mesma situação e a identificação de um perfil humanizado, longe do simplório, em que o repórter consegue se aprofundar e captar traços da personalidade do entrevistado. A partir disso, é possível viabilizar a construção de um material profundo e bem elaborado, unindo a técnica e a experiência. Essa imersão, que ultrapassa os limites da entrevista, se mistura ao jornalismo literário em suas origens. Em sua outra obra, intitulada *A arte de tecer o presente*, Medina (2003) se aprofunda nos resultados da produção humana, capaz de construir uma nova realidade, apenas organizando as informações através das palavras. O ato de narrar e recontar histórias, para muitos profissionais, é o que ela configura como “necessidade vital”:

Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, a inteligência humana organizada o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural – a narrativa – o humano ser não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que talentos de alguns, poder narrar é uma necessidade vital (MEDINA, 2003, p. 47-48).

Assim, expressar vontades por meio dos sentidos e conseguir organizá-las possibilita que a comunicação humana seja expandida de outras formas. Lima (1995) divide o gênero *entrevistas de compreensão* – constituída pelo aprofundamento das narrativas e comumente empregadas ao livro-reportagem – em alguns subgêneros, sendo eles a *entrevista conceitual* – domínio da entrevista por meio da realidade, com diálogos que explicam basicamente conceitos preexistentes e/ou informações mais engessadas – o *investigativo* – que se caracteriza por depoimentos dados ao jornalista em *off*, ou seja, trechos que não podem ser publicados, mas que podem ser utilizados em contraponto aos dados coletados enquanto os microfones estavam ligados – a *confrontação-polemização* – que depende da habilidade do autor de conseguir expor os fatos e confrontar a fonte, para que as provocações suscitem um depoimento mais completo – e o *perfil humanizado* – possibilidade de aumentar a imersão na história do entrevistado, dando espaço para que de fato ele se torne protagonista de sua própria narrativa e exponha os traços de sua trajetória antes escondidos.

A utilização de cada subgênero na construção das reportagens varia de acordo com a temática abordada, com a escolha das fontes e com a maneira em que o conteúdo vai ser costurado entre si. O subgênero de *perfil humanizado* é muito empregado no jornalismo imersivo, pois possibilita que a história contada não caia na romantização, mas corrobore com a realidade em que a fonte está inserida. Essa hibridização entre jornalismo literário e imersivo configura uma criação bem apurada, focada exclusivamente no sujeito e nas peculiaridades dos desdobramentos da pauta.

Sempre que bem utilizada, a entrevista consegue gerar a maior parte do conteúdo que o jornalista precisa para escrever uma matéria ou reportagem. Mesmo que o repórter não perceba, o entrevistado consegue captar quando a sua entrevista é uma prioridade, e cabe ao profissional a sensibilidade de ofertar uma escuta atenta, que também seja acolhimento, para que a fonte esteja confortável em compartilhar acontecimentos da própria vida.

2.3 AFETOS, NARRATIVAS E MEMÓRIAS

Os afetos são sentimentos que surgem a partir da identificação com algo ou alguém. Neste caso, estuda-se o comportamento nas relações entre animais e seres humanos, e como essa constituição pode influenciar em vários contextos. Todas as experiências que envolvem troca e convivência, podem ser permeadas pelos afetos. Isso significa dizer que os cuidados dos protetores da causa com os tutelados também são regidos por esses sentimentos.

É notório a percepção de carinho no dia a dia entre humanos e animais. Toda a capacidade de comunicação, mesmo sem que digam uma palavra, e o nível de compreensão para conseguir traduzir as expressões. O sentimento, assim como nos relacionamentos entre humanos, também

passa por estágios de confronto, luto e ressignificação da perda. Por isso não somos capazes de esquecer ou substituir um animal, como não faríamos com um ente querido, por exemplo, mas somos capazes de redirecionar esse afeto para ajudar outro animal que precisa de cuidados.

Assim acontece com os voluntários. As perdas – comum a todas as fontes deste estudo – marcaram de forma significativa a memória de todos os indivíduos. O processo de luto não pode ser trabalhado, tendo em vista que a atenção empregada para esse momento sempre é direcionada para atender às necessidades dos demais bichos, mesmo que esse sentimento ainda perdure. Esse acúmulo de sentimentos mal resolvidos também contribui para o adoecimento mental dessas pessoas, evidenciando a sobrecarga pelo excesso de demanda, falta de apoio governamental, além da desesperança da perda.

Em seus estudos sobre afeto e política, Sodré (2006) explica que as demonstrações de sensibilidade do ser humano e dos animais fortalecem as dificuldades em mensurar o afeto das relações entre eles, pois é muito mais regida pelo sentimento do que pela racionalidade. Sendo assim, as histórias de vida dos voluntários da causa animal podem ser encaixadas dentro do que se entende por afetos, já que eles constituem uma parte importante do processo de voluntariado. Por meio desses mecanismos é possível estabelecer elos espontâneos, sem necessidade de obrigatoriedade, tendo em mente que o sentimento de apego com os animais e o meio ambiente se tornam agentes de transformação do que conhecemos por relações básicas humanas.

Tendo em vista a visão tradicional e arcaica de que os animais são propriedade e subservientes ao homem, Dias (2007, p. 149) define como sendo uma relação “regida pela noção de domínio. Acostumado à ideia de legitimidade da exploração dos animais e da natureza, o homem tem agido, muitas vezes, com arbitrariedade, torpeza e irresponsabilidade”. Dessa forma, podemos entender como uma relação dominante/dominado, em que o animal, mesmo sendo indivíduo senciente, existe apenas como uma ferramenta de uso indiscriminado.

Como consequência da crueldade em relação aos animais, surgiu a necessidade de guardar a vida desses seres, dando origem ao que conhecemos como proteção animal – prática voluntária em prol dos direitos de toda e qualquer espécie. Sobre isso, Giacomini e Almeida (2016) explicam que “o voluntariado passa a figurar como peça chave para a intervenção nos problemas sociais, associando-se à corresponsabilidade entre o Estado e a sociedade civil” (GIACOMINI; ALMEIDA, 2016, p. 193). Avaliar os atos do voluntariado como uma ação pensando na vivência coletiva é uma construção histórica e de forma contínua. Mas o que se busca estudar é justamente sobre o afeto que permeia as relações entre os animais e o ser humano, estimulando cada vez mais gestos espontâneos que influenciam nas realidades sociais.

Conforme citado acima, a proximidade e o sentimento de afeto proporcionam um elo de natureza espontânea, extraindo do ser humano a consciência de que os animais são seres de características comuns as da sua espécie, e não mais propriedade ou coisa sem valor. O afeto é o sentimento de ligação que se alimenta nas relações e pode se estender a várias espécies, não sendo uma particularidade apenas de seres humanos. Sodré (2006, p. 30), ao falar sobre sentimentos humanos e animais, explica que “a emoção é um tipo de afeto que se costuma atribuir exclusivamente aos seres humanos, embora comporte a possibilidade de ser também pensada como traço do animal”.

Como explanado anteriormente, o conceito de memória precisa de atenção para ser trabalhado. Isso se dá pelo fato de as memórias serem um dos pilares desta pesquisa, estando atreladas diretamente à forma como organizamos o *longform*, às memórias de infância da autora que a conectam diretamente ao tema aqui pesquisado e às entrevistas feitas com protetores animais, que recorrem às suas memórias para desbravar narrativas já vividas. Desse modo, as memórias podem ser conceituadas como sendo um conjunto de informações e experiências pelas quais um indivíduo passa ao longo da vida e, por conta de sua importância, ficam armazenadas em nosso cérebro (POLLAK, 1992). Sobre o lugar da memória, o autor explica que

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu (POLLAK, 1992, p. 202).

Sendo assim, a memória não é linear, podendo mudar de acordo com quem narra. Em outras palavras, mesmo que duas pessoas testemunhem o mesmo fato, a percepção de cada uma delas sobre o evento vai ser diferente, assim como a forma que a mente de cada uma delas vai processar a informação e registrar como uma memória. Assim, os depoimentos são construídos em parte com o que foi experienciado, parte com a junção do depoimento do outro, funcionando como uma colcha de retalhos de memória. Pollak (1992, p. 204) explica que “a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa”. Não raro é possível termos memórias de acontecimentos que não lembramos de ter vivido. Isso ocorre porque o ato de contar e ouvir histórias também é parte do processo de reconhecimento do próprio sujeito – processo esse que também pode ser considerado genuíno, já que mesmo antes do ser humano ter consciência de sua própria existência, ele já está criando memórias.

Entretanto, apesar desse aspecto mutável da memória, Pollak (1992) explica que algumas informações sobre o fato rememorado podem permanecer inalteradas em todas as versões, mesmo

com a mudança de narrador. Isso geralmente ocorre por esses serem pontos mais relevantes para quem experienciou o fato. O autor explica que é importante “lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis” (POLLAK, 1992, p. 201).

Para além desta análise, o teórico chamou de “memórias subterrâneas” tudo aquilo que vai de encontro às memórias oficiais ou tidas como comuns. Ele explica que “(...) essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados” (POLLAK, 1989, p. 2). Essas memórias estão intrinsecamente ligadas a grupos ditos minoritários e a busca pela afirmação social de suas existências. Essas recordações acabam levando ao silêncio e ao apagamento dessas pessoas, contribuindo para o desenvolvimento de memórias coletivas que surgem a partir de fenômenos marcantes historicamente, como é o caso do holocausto, exemplo citado por Pollak. Sobre a memória e grupos marginalizados, o autor expõe que

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (POLLAK, 1989, p. 6).

Pode-se dizer então que essas memórias coletivas, por consequência subterrâneas, fazem parte da construção das vivências de um indivíduo a partir do momento em que ele está inserido ou não no contexto social. Sendo assim, as memórias não são um fenômeno exclusivo daqueles que vivem nos moldes da sociedade civil. Além disso, precisa-se refletir sobre como a memória também se faz presente na construção de narrativas ambientais. Nossas memórias foram construídas com base nos ensinamentos ultrapassados de uma visão irreal do que de fato é o meio ambiente. Quando se fala em natureza, os animais são considerados à parte da soma, encaixando-se em outras esferas – geralmente menores e com menos importância. Apesar de o Brasil ser um dos países com maior riqueza em termos de biodiversidade, ainda há enfrentamento de muitos problemas no que tange a proteção de animais e legislações com fiscalizações eficazes para coibir crimes ao meio ambiente.

Para mais, esse processo de reconstrução de memórias também é muito presente na constituição de biografias. A biografia é o ato de escrever a história de determinada pessoa e é entendida como um gênero ou subgênero do jornalismo literário. O biografista precisa detalhar os acontecimentos da vida da pessoa biografada, o que necessita de uma busca completa, conversa com pessoas e a imersão na história daquele indivíduo. Vilas Boas (2003) explica bem sobre biografias, explanando que

Numa reportagem biográfica podemos trabalhar com um conjunto de ações e reações atribuídas à pessoa em foco. Refiro-me ao que a pessoa diz a seu próprio respeito e ao que ela diz a respeito de outras pessoas ou a respeito dos acontecimentos contemporâneos que a afetam de algum modo; e também pelo que outras pessoas dizem dela (VILAS BOAS, 2003, p. 21).

Nesse sentido, é possível ter vários lados de uma mesma história. Esse aspecto é o principal diferenciador entre as biografias e autobiografias – na primeira, há diversas memórias envolvidas. Já na segunda, o próprio autor conta a sua história, a partir do seu ponto de vista, que sempre vai divergir dos demais em determinados pontos. Há ainda a conceituação de perfil, que pode se assemelhar à biografia. Para Vilas Boas (2003, p. 13) “os perfis podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa. É uma narrativa curta tanto na extensão (tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter”. Entretanto, mesmo com as semelhanças, a biografia e o perfil não são a mesma coisa.

Sendo assim, pode-se afirmar que toda biografia é, de certo modo, um perfil, mas nem todo perfil pode ser uma biografia, já que os perfis partem muito da interpretação do repórter que o escreve, pois recorta apenas um trecho específico da vida do perfilado. Além disso, Villas Boas defende que a criação desses processos acontece sempre de forma multidimensional, combinando “memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos, cinco elementos imprescindíveis ao trabalho autoral” (VILAS BOAS, 2003, p. 13-14).

Em muitos momentos na construção desse trabalho, a autora utilizou a autobiografia como ponto-chave. Por ser uma produção extremamente pessoal, é natural que haja o entrelaçamento das narrativas com as histórias das fontes, ou seja, mesmo que de certo modo o objeto central seja outro, a autora se insere no mesmo cenário através da identificação. Sempre que escrevemos sobre algo ou alguém, deixamos um pouco do nosso próprio eu nas entrelinhas, afinal, é impossível dissociar a obra de quem a escreve. Além disso, leva-se em consideração a familiaridade com o que é escrito, como defende Arfuch (2010):

Tratar-se-á, simplesmente, de literatura: essa volta de si, esse estranhamento do autobiógrafo, não difere em grande medida da posição do narrador diante de qualquer matéria artística e, sobretudo, não difere radicalmente dessa outra figura, complementar, a do biógrafo - um outro ou "um outro eu", não há diferença substancial -, que, para contar a vida do seu herói, realiza um processo de identificação e, conseqüentemente, de valorização (ARFUCH, 2010, p. 55).

Nesse aspecto, quando confrontamos uma história de vida que se assemelhe à nossa realidade, fazemos um resgate do nosso passado, e em uma autobiografia recupera-se esses elementos que fizeram parte de um momento importante de nossa trajetória.

Já a entrevista *perfil* representa o foco total no entrevistado – mais especificamente em trajetórias pessoais e profissionais, com o objetivo de mostrar quem é a fonte, qual a importância dela e o recorte inédito, que vai contribuir socialmente. Lima (2016) explica que a existência de gêneros literários dentro do jornalismo abarca uma série de diferentes modalidades:

O jornalismo literário realiza essa viagem narrativa utilizando uma série generosa de formatos distintos, incluindo-se aí o perfil, a reportagem temática, o texto de viagem, até mesmo o ensaio pessoal, apropriando-se às vezes de gêneros oriundos de outras fontes literárias, mas abraçados pelo estilo do jornalismo literário, como podem ser, às vezes, a própria biografia e o texto de memória (LIMA, 2016, p. 3).

Ademais, os sentimentos de quem escreve também devem ser levados em consideração na hora da produção de um perfil, visto que o objetivo do texto é justamente fazer com que o leitor se identifique com o perfilado, de modo que a vida desse objeto de estudo passe a fazer sentido com as experiências de quem o está lendo. Para destrinchar mais acerca dos perfis, expõe-se a seguinte explicação de Vilas Boas (2003), que diz:

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor. Acredito que a empatia também facilita o autoconhecimento (de quem escreve e de quem lê) (VILAS BOAS, 2003, p. 14).

Assim, considera-se o envolvimento como parte do ato da escrita, tal qual os sentimentos e sensações são à natureza humana. Em outras palavras, não é possível separar o ponto de vista do autor na hora de produzir um material, mesmo que ele se esforce para isso. Todo jornalista se coloca no texto de alguma forma, ainda que nas entrelinhas.

Dando continuidade, quando as narrativas são debatidas, pode-se defini-las como uma sequência de signos que, segundo Corinne Squire (2014), se movimentam de acordo com determinados sentidos, sejam eles “sociais, culturais e/ou históricos particulares, e não gerais” (SQUIRE, 2014, p. 273). Por serem originadas de signos, as narrativas não podem ser reduzidas para caber em teorias, pois seu entendimento é mais subjetivo que objetivo. Squire (2014) explana que

As vidas se desenvolvem no tempo, e assim o fazem o ouvir ou ler histórias, e a capacidade das histórias de andar paralelamente ao curso da vida nesta dimensão muitas vezes é entendida como determinante do valor delas. Mas apenas porque elas acontecem no tempo, isso não significa que o tempo seja seu principal princípio organizador. Afinal, elas também acontecem no espaço, e os pesquisadores de narrativas muito mais raramente gastam tempo explorando os paralelos entre as dimensões espaciais de corpos e vidas, e a extensão espacial de vozes, da escrita, da imagem. Além disso, a não linearidade de narrativas aparentemente dispostas temporalmente também é reconhecida como altamente significativa na teoria literária e cultural (SQUIRE, 2014, p. 273).

Nem sempre essas narrativas surgem de forma linear, pois antes de considerá-las devemos realizar recortes que envolvem a vida do sujeito em questão. Por isso cada narrativa é única, mesmo que apresente semelhanças com outras histórias, mudando apenas as particularidades presentes. É interessante refletir que, por seu aspecto maleável e de grande significância, as narrativas podem ser construídas em diversos meios comunicacionais, como Squire (2014, p. 276) defende, explicando que “a multiplicidade, a fratura e a contradição caracterizam narrativas em todas as mídias. As narrativas são todas formadas a partir de sinais cujas próprias desarticulações são aumentadas pelas cadeias de sinais que constituem as histórias”.

Assim, percebe-se que as narrativas de vida são permeadas pela escrita, principalmente no jornalismo literário. Entretanto, fica evidente que o ato de escrever não é o único envolvido nesse processo, já que é necessária a imersão do jornalista no contexto ao qual se fará referência na escrita. Neste trabalho, utilizei as memórias para construir o *longform* intitulado *Amor em quatro patas*, que, de forma anterior, contou com a minha observação participante nos contextos de proteção animal. No próximo tópico, explanar-se-á mais acerca do *longform* e de mídias que fogem do tradicional quando se fala de jornalismo.

2.4. LONGFORM E HIPERMÍDIA NA LINGUAGEM JORNALÍSTICA

Nesta seção, discutir-se-á acerca do gênero textual que nos guiou para construção desta pesquisa. O *longform* se configura como um espaço de desenvolvimento e de aprofundamento de narrativas no jornalismo, permitindo ao interlocutor recontar uma história de maneira detalhada, com dados, depoimentos e informações bem trabalhadas. Uma das características mais significativas do *longform* é a verticalização da narrativa, explanada geralmente em mídias comunicacionais via internet – tornando o texto acessível, como explica Canavilhas (2014):

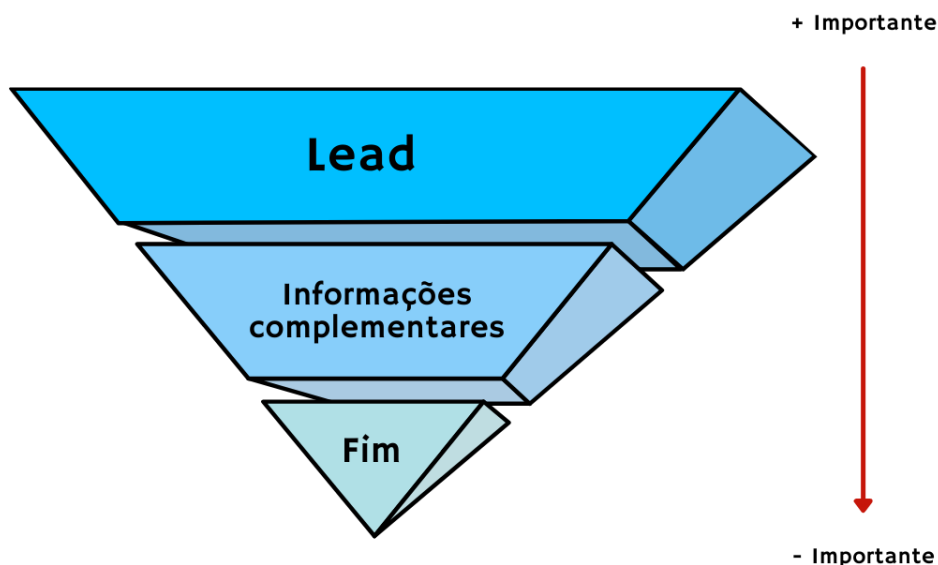
A navegação verticalizada e intuitiva, em conjunto com a plena integração de conteúdos multimedia, torna a leitura mais imersiva e envolvente, não requerendo ao utilizador, conhecimentos de informática muito profundos. Acresce ao facto de ser um formato de simples adaptação a computadores, *tablets* e *smartphones*. (CANAVILHAS, 2014, p. 123).

Dentro dos estudos do *longform*, o jornalismo pode ser identificado em inúmeros pontos, como no fazer notícia, na apuração/desenvolvimento das informações obtidas, no aprofundamento/imersão nas histórias contadas e no digital – meio em que a narrativa está inserida. As entrevistas, por exemplo, quando desenvolvidas no ambiente digital, possuem maiores possibilidades de crescimento, sem tantas limitações como no jornalismo impresso, que possui especificações que restringem sua produção.

Ao longo do tempo, desde o surgimento da internet, a evolução do jornalismo na web passou por diversas fases, pois ainda havia a necessidade de realizar uma transição do meio impresso para o digital. Para isso, houve uma readequação da própria linguagem utilizada pelo profissional e muito estudo das preferências e características do público consumidor daquele material. Isso se deu porque o conteúdo impresso não é o mesmo da web – em outras palavras, mesmo que estejam com a mesma informação, a forma de consumir se difere uma da outra. Por conta disso, é necessário procurar abordagens mais específicas.

A hipermídia conta com a interatividade a seu favor, visto que precisa da interação do público para funcionar, além de contar com diferentes tipos de mídia em sua disposição. Essa forma única de comunicação possibilita transmitir uma mensagem com vários desdobramentos midiáticos em uma só ferramenta. Baccin (2017) explica que a hipermídia agrupa diversos formatos midiáticos e os reformula. Sendo assim, as narrativas hipermidiáticas são o que sustentam o jornalismo contemporâneo, visto que esse fenômeno é potencializado em tempos em que tudo é produzido para um consumo rápido. Ou seja, quanto maior a interatividade, maior a chance de que o leitor consuma aquele conteúdo por completo. O *longform* atrelado à hipermídia nasce em contraponto a essa rapidez, já que mesmo com a aceleração da rotina do público na atualidade, conteúdos mais densos – em linguagens multifacetadas e com recursos que permitem a interatividade – começam a ganhar a preferência de quem consome não mais o factual, e sim o melhor produzido.

No jornalismo tradicional, durante a produção dos conteúdos factuais ou *hard news*, leva-se em consideração a técnica da pirâmide invertida, em que as informações são organizadas sempre dos conteúdos mais relevantes, para os menos relevantes – respondendo as seguintes perguntas: O que? Quando? Como? Quem? Onde? Por que? – também chamado de *lead*, como exposto na Figura 1:

Figura 1 - Pirâmide invertida do jornalismo tradicional.

Fonte: Figura elaborada de acordo com descrição dada por Canavilhas (2006).

A pirâmide invertida foi criada nos Estados Unidos, durante o período da Guerra de Secessão. Considerando as dificuldades de comunicação naquelas condições, os jornalistas enviavam apenas a primeira parte dos textos pelos telégrafos, havendo então a necessidade de uma adaptação que não obedecesse aos padrões tradicionais cronológicos, mas sim uma organização dos fatos de acordo com seu valor noticioso, como explicita Canavilhas (2006):

Apesar da eficácia na transmissão rápida e sucinta de notícias, a aplicação desta técnica tende a transformar o trabalho jornalístico numa rotina, deixando pouco campo à criatividade e tornando a leitura das notícias pouco atrativa, pelo que a importância desta técnica tem sido objeto de muitas polêmicas (CANAVILHAS, 2006, p. 6).

Já no meio digital, essa técnica passa a existir com uma nova característica: a de adaptação a um ambiente mais amplo e com inúmeras possibilidades. Muitos autores defendem que a utilização da pirâmide invertida na web facilita o entendimento do leitor e agiliza a navegação nas telas. No entanto, Canavilhas (2006, p. 7) explica que a técnica não acompanha a versatilidade que a internet pode oferecer:

Usar a técnica da pirâmide invertida na web é cercear o webjornalismo de uma das suas potencialidades mais interessantes: a adoção de uma arquitetura noticiosa aberta e de livre navegação. (...) Nas edições online o espaço é tendencialmente infinito. Podem fazer-se cortes por razões estilísticas, mas não por questões espaciais. Em lugar de uma notícia fechada entre as quatro margens de uma página, o jornalista pode oferecer novos horizontes imediatos de leitura através de ligações entre pequenos textos e outros elementos multimídia organizados em camadas de informação (CANAVILHAS, 2006, p. 7).

Pensando nessas novas configurações do fazer jornalístico, criou-se a pirâmide deitada – que também se assemelha à tradicional pirâmide invertida, com informações importantes no início

– oferecendo uma experiência de navegação ao leitor e contextualizando o eixo temático central do conteúdo em qualquer um dos blocos de texto:

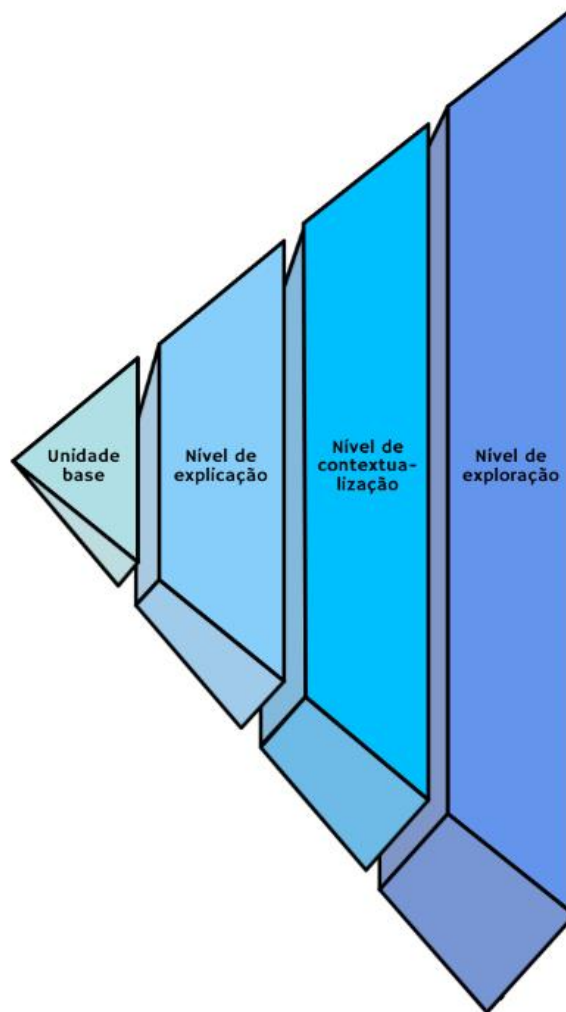
Em suma, a pirâmide deitada é uma técnica libertadora para utilizadores, mas também para os jornalistas. Se o utilizador tem a possibilidade de navegar dentro da notícia, fazendo uma leitura pessoal, o jornalista tem ao seu dispor um conjunto de recursos estilísticos que, em conjunto com novos conteúdos multimídia, permitem reinventar o webjornalismo em cada nova notícia (CANAVILHAS, 2006, p. 16).

A pirâmide deitada (Figura 2) é uma técnica totalmente pensada para o ambiente da web, unindo a convergência dos meios em um só espaço. No digital é possível que o leitor consuma texto, áudio, vídeo, foto e conteúdos gráficos – aqui, a hipermídia aparece – sem sair de uma página, oferecendo mais dinamismo e proporcionando uma experiência tecnológica para o interlocutor. Nessa nova modalidade, dividida em quatro níveis temos a unidade base, o nível de explicação, o nível de contextualização e por fim, o nível de exploração, como exposto por Canavilhas (2006):

Propõe-se uma pirâmide deitada com quatro níveis de leitura: A Unidade Base – o lead – responderá ao essencial: O quê, Quando, Quem e Onde. Este texto inicial pode ser uma notícia de última hora que, dependendo dos desenvolvimentos, pode evoluir ou não para um formato mais elaborado. O Nível de Explicação responde ao Por Quê e ao Como, completando a informação essencial sobre o acontecimento. No Nível de Contextualização é oferecida mais informação – em formato textual, vídeo, som ou infografia animada – sobre cada um dos W's. O Nível de Exploração, o último, liga a notícia ao arquivo da publicação ou a arquivos externos (CANAVILHAS, 2006, p. 15)

Nesta definição, entende-se que não importa por qual parte do conteúdo o leitor decida começar, mesmo que em fragmentos, ele certamente vai entender e absorver o conteúdo e seus desdobramentos. A partir da premissa inicial e do conceito de narrativas hipermídia *longform*, o tema ‘Jornalismo ambiental e proteção animal’, trabalha com áreas afins dentro do espectro da comunicação, com narrativas sobre o meio ambiente, o ativismo por meio do voluntariado e do afeto.

Figura 2 - Proposta de pirâmide deitada.



Fonte: Figura elaborada a partir de definições dadas por Canavilhas (2006).

O maior exemplo de *longform* é a reportagem *Snow Fall: The Avalanche at Tunnel Creek*, publicada pelo periódico *The New York Times*, em dezembro de 2012⁹. A composição chegou a receber o prêmio Pulitzer de Redação de Reportagem no ano seguinte ao seu lançamento, e se tornou uma referência nessa modalidade jornalística. Nas palavras de Baccin (2017, p. 7), “como variante contextual, o *longform* é mais que um formato longo de contar história. Nas reportagens hipermídia requer estratégias que contemplem apuração aprofundada das informações, apresentação atraente das informações e verticalização da narrativa”.

O formato “longo” de contar histórias é um diferencial muito adotado por várias redações no Brasil, como é o caso da Tab UOL, da Folha de São Paulo e da Revista Piauí, que hoje trabalham

⁹ A reportagem produzida por John Branch teve recorde de acessos no seu lançamento e revolucionou a forma de produzir jornalismo online. O conteúdo pode ser acessado na íntegra pelo link <<https://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/index.html#/?part=tunnel-creek>>. Acesso em 8 de out. 2021.

um conteúdo mais denso e focado na riqueza de detalhes. O formato digital também permite a exploração dos recursos gráficos, audiovisuais e interativos, que corroboram para a permanência e o envolvimento do interlocutor.

Pelos motivos expostos acima, o *longform* com hipermídia foi escolhido como configuração mais adequada para o texto jornalístico construído para esta pesquisa, de forma que abarcasse as narrativas a serem abordadas, além das mídias necessárias para a construção de conteúdo – como fotos, vídeos, áudios e ilustrações a serem discutidas nas próximas seções. A fim de detalhar a forma de estruturar este trabalho, na seção a seguir tratar-se-á acerca da metodologia aqui aplicada.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo, de acordo com Gil (2008), caracteriza-se como exploratório, pois surge com o objetivo de discorrer e aprofundar, além de “(...) modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p. 27). A intenção das pesquisas exploratórias é a qualidade do conteúdo obtido, sem roteiros padronizados, pois a ideia é captar a essência de determinada informação:

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 2008, p. 27).

De início, para que este trabalho fosse viabilizado, necessitou-se de um levantamento bibliográfico que pudesse dar embasamento e aprofundamento ao que seria produzido. A exemplo disso, podem-se citar os estudos sobre jornalismo ambiental que pautassem animais domésticos, na época ainda pouco explorado em pesquisas acadêmicas – e apenas muito tempo depois foi ganhando espaço na mídia – o que dificultou em parte a captação de uma bibliografia sólida. Sobre a necessidade do levantamento bibliográfico, Gil expõe que:

Muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Quando o tema escolhido é bastante genérico, tornam-se necessários seu esclarecimento e delimitação, o que exige revisão da literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos. O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados (GIL, 2008, p. 27).

Ou seja, o primeiro passo na construção de uma pesquisa aprofundada é definir uma boa base bibliográfica, mas para isso deve-se delimitar o tema a ser estudado, para que o trabalho não acabe se tornando um estudo “genérico” e superficial, como defende Gil (2008).

Para a etapa metodológica, dividiu-se este estudo em diferentes fases. A primeira delas é a pesquisa e análise do campo de trabalho – nesse caso, a escolha das narrativas e das fontes, culminando na realização das entrevistas. Optou-se pela seleção de fontes que estivessem inseridas no contexto da proteção animal – foco da pesquisa em questão – além de profissionais, também considerados fontes experts, para endossar os depoimentos e trazer dados mais precisos sobre a temática, levando em consideração a carência de trabalhos nesse eixo. A segunda fase consistiu basicamente na preparação do material recolhido nas pesquisas de campo, a identificação e separação de acordo com a especificação de cada capítulo, para que os conteúdos não ficassem misturados entre si. Já a terceira fase, e que necessitava de mais atenção, foi a produção das reportagens que compõem a narrativa *longform*, já que cada seção teria um foco diferente dentro de um só tema.

Esta pesquisa dá-se através da argumentação do método *qualitativo* (MARTINO, 2018), da *descrição etnográfica* (LAPLATINE, 2004), da *observação participante* (ANGROSINO, 2009), da *entrevista* (MEDINA, 1986) e das *histórias de vida* (MARTINO, 2018). No método qualitativo, trabalha-se sob a ótica da compreensão dos atos do homem, não para tentar encaixá-las em determinados parâmetros, mas para entender suas origens. De acordo com Martino (2018), não existem provas concretas ou dados sobre os comportamentos e as ações humanas, e isso é o que as torna únicas em suas existências. O autor defende que “seres humanos não são matematicamente precisos em suas decisões” (MARTINO, 2018, s.p.). Durante as entrevistas para a construção do *longform*, buscou-se não somente a captação dos depoimentos, mas também entender como as histórias se desenvolviam de maneiras singulares, mesmo que dentro de uma mesma pauta. Sobre isso, Martino explica:

Pesquisas qualitativas estão preocupadas com os significados presentes nas ações humanas. Nada no ser humano é por acaso, assim como nada é fruto de uma relação totalmente determinada de causa e efeito. Por isso, nas pesquisas qualitativas o objetivo principal é compreender as ações humanas, não explicá-las (MARTINO, 2018, s.p.).

Já na *descrição etnográfica* (LAPLANTINE, 2004), os estudos sobre os fenômenos sociais e como eles podem ser determinantes no desenvolvimento de cada indivíduo ajudaram a enxergar cada perfilado de forma isolada, mas sempre considerando o meio em que ele está inserido, ou seja, o seu grupo social. Para o antropólogo, “os etnólogos são homens e mulheres para os quais o mundo existe. Assim, o texto etnográfico, contrariamente ao texto literário, privilegia

determinantemente a extratextualidade, referindo-se a outra coisa que ele mesmo” (LAPLANTINE, 2004, p. 49). Por meio da etnografia, aplicada às técnicas de apuração e elaboração jornalísticas, identificamos muitos pontos nos quais os voluntários da proteção animal corroboram entre si, como o afeto, a identificação com os animais resgatados e a necessidade de ajudar o outro. A partir do tema que engloba narrativas, recorre-se ao método da etnografia como ferramenta de estudo para as características coletivas do voluntariado. Tendo em vista o aprofundamento do conhecimento, utilizam-se pesquisas importantes como os registros de Laplantine (2004), para obter-se informações sobre as problemáticas que envolvem o objeto.

Na descrição etnográfica não existe uma forma certa ou errada de enxergar o mundo. Antes de qualquer análise, os mecanismos organizacionais na qual os indivíduos estão agrupados devem ser levados em consideração, como a cultura, os costumes e as expressões típicas de sua comunidade. Laplantine (2004) explica que “a descrição etnográfica inscreve o olhar num contexto e numa história. Ela situa e data com precisão suas observações num espaço particular. Ela tenta enfim desfazer-se do olhar ocidental ou ocidentalizante, pois ela realiza no campo que ele não é a única forma de ver o mundo”.

Assim, de acordo com a etnografia – e estando alinhada ao jornalismo de imersão – não se deve fazer juízo de valor sobre o modo de vida de outras pessoas e/ou grupos sociais, ou seja, “compreender a inteligibilidade de um fenômeno é ao mesmo tempo interligá-lo à totalidade social na qual ele se inscreve e estudar as múltiplas dimensões que lhe são próprias” (LAPLANTINE, 2004, p. 52). O papel do etnógrafo é apenas o de se aprofundar nas experiências e na forma como esses indivíduos existem, em suas peculiaridades.

A *observação participante* (ANGROSINO, 2009) se apresenta como uma técnica da etnografia. Aqui, o pesquisador deixa de ser um cientista e se torna também uma parte do grupo no qual está se inserindo. Angrosino (2009) explica que para que o repórter de fato seja um observador participante, é necessário que os membros da comunidade o aceitem e permitam que ele possa estar convivendo e desfrutando de seus hábitos e tradições:

O observador participante deve, então, fazer o esforço de ser aceitável como pessoa (o que vai significar coisas diferentes em termos de comportamento, de modos de viver e, às vezes, até de aparência em diferentes culturas) e não simplesmente respeitável como cientista. Assim, ela ou ele deve adotar um estilo que agrade à maioria das pessoas entre as quais se propõe viver (ANGROSINO, 2009, p. 33).

Neste projeto não houve impedimentos quanto a minha aceitação como observadora participante, tendo em vista que também faço parte da proteção animal, atuando como voluntária e ativista do meio ambiente, ocorrendo o semelhante ao descrito pelo autor, quando diz que “(...) na observação participante os membros da comunidade estudada concordam com a presença do

pesquisador entre eles como um vizinho e um amigo que também é, casualmente, um pesquisador” (ANGROSINO, 2009, p. 33).

A *entrevista* (MEDINA, 1986) é método primordial no fazer jornalístico. Para Medina (1986), a entrevista norteou a coleta dos depoimentos junto aos perfilados. A autora defende a ideia de que o bom repórter deve saber gerar identificação do leitor, com a história do entrevistado. Em outras palavras, a escrita pela escrita nunca foi a motivação do jornalismo, mas sim a preocupação com o real significado e impacto daquele conteúdo no ambiente social. Para a pesquisadora, “enquanto insistirmos na competência do fazer, despojada de significado humano, pouco se avançará no diálogo possível numa sociedade em que impera a divisão, a grupalidade, a solidão. Se os meios são de comunicação, que se encare então o que é comunicar, interligar” (MEDINA, 1986, p. 6).

As *histórias de vida* (MARTINO, 2018) registram a forma como o sujeito se narra a partir do próprio ponto de vista. Cada pessoa possui um cotidiano, suas vivências e experiências levando em consideração o contexto em que está imersa. Para Martino (2018, s.p.) “o interesse é mostrar como cada um vive os acontecimentos de seu tempo, juntando opiniões, fatos e interpretações sem uma linha divisória muito clara entre o público e o particular”. Assim, as histórias de vida configuram um dos métodos mais utilizados para entender determinado período da vida de um indivíduo, pois também ativa a rememoração desse sujeito:

Ao contar sua história, cada um expressa seu modo de conhecimento do mundo, sua interpretação da realidade e de si mesmo. Essas manifestações interessam na medida em que estão no terreno das representações, da memória e do imaginário. A maneira como a pessoa se narra, colocando-se nesta ou naquela posição, incluindo ou não acontecimentos, o jeito como define os outros, como fala de situações passadas e presentes são objetos de análise (MARTINO, 2018, n.p).

Nos estudos de Martino, observamos que cada vez mais nós – que existimos nos ambientes digitais – relatamos e descrevemos quem somos, seja em publicações ou nas redes sociais, pois essa ferramenta possibilitou que cada vez mais pessoas pudessem falar sobre suas próprias vidas, mesmo que não sejam ouvidos (MARTINO, 2018). Considerado um dos métodos biográficos, as histórias de vida configuram o ato de ouvir com atenção como parte da reconstrução das memórias e vivências coletivas, desse modo a utilização desse recurso nesta pesquisa emprega a apuração de dados com a valorização do espaço de fala de cada indivíduo. Pilar deste estudo, as histórias de vida deram um norte à escrita das reportagens, pois considera-se não somente a vivência atual do sujeito biografado, mas também suas memórias – contadas por ele – e as experiências que o levaram à sua trajetória, que ganha certo grau de importância quando recontada:

Ao falar de si as pessoas acabam falando de sua época, de seu cotidiano, de seu mundo. Essa visão pessoal e subjetiva dos fatos de uma época atraiu a atenção primeiramente de historiadores, interessados não em conhecer os grandes eventos, largamente relatados e contados, mas o mundo das pequenas vivências pessoais, geralmente deixadas de fora dos livros de história (MARTINO, 2018, n.p).

Cada vez que recontamos uma mesma história, ela ganha novos significados, e por si só, constrói novas memórias a partir de um ponto inicial. Levando em conta que o ato de recontar um fato ocorrido também nos obriga a reviver o episódio, e por consequência, pode evidenciar recortes antes não recordados, como mostra a Figura 3:

Figura 3 - Tentativa de resgate de memória de protetora entrevistada.



Os anos passaram tão depressa que Laudénice tem dificuldades em lembrar como chegou na causa animal, e principalmente o que a levou ao ofício. Um silêncio sepulcral se instalou entre o espaço que nos separava dentro do carro. *“Acho que desde... sei lá, tem muito tempo. Nunca parei para pensar nisso não. Quando foi que criaram o WhatsApp?”.*

Fonte: fragmento do *longform* elaborado por mim, disponível em <https://www.amor4patas.com.br/>.

As primeiras etapas desta pesquisa constituem os elementos de maior importância. A coleta de dados através da observação participante (ANGROSINO, 2009), viabilizada pelo meu contato como repórter com as fontes, orquestrou um momento de troca espontânea. Mesmo com certo grau de proximidade, pude conhecer novas facetas das mesmas pessoas, e com as descobertas consegui traçar um perfil descritivo com mais informações acerca das trajetórias.

É necessário ressaltar que esse aproveitamento nem sempre é possível, pois muitas vezes há falta de envolvimento da parte do jornalista – e aqui não se relaciona o envolvimento à intimidade, mas sim com a empatia de permitir que o outro tenha um espaço seguro para contar sua história e se sinta acolhido. Além disso, apenas um contato presencial, in loco, é capaz de fomentar a utilização de características como a descrição e a construção cena a cena.

Por intermédio da observação participante o repórter pode construir uma relação de respeito e credibilidade com a fonte, desenvolver narrativas mais próximas da realidade daquele indivíduo, se comparado a um repórter que apenas observa de outra angulação, coletar informações inéditas, mesmo que não possam ser publicadas, mas ajudam o autor a dimensionar a profundidade dos fatos e organizar novos arranjos para uma mesma pauta, incluindo outras idas à comunidade na qual a pessoa ou o grupo pertence.

Outra técnica essencial no desenvolvimento deste trabalho foi a entrevista em profundidade (MEDINA, 1986), que possibilita a aproximação e o entendimento das trajetórias de vida das fontes, por meio da conversa e do diálogo aberto. Assim como na observação participante, a entrevista exige habilidade e criatividade do entrevistador. Saber o momento ideal para falar e até mesmo ficar em silêncio, essa é uma das maiores características de uma entrevista que tem como prioridade a vida do entrevistado.

A parte teórica deve ser levada em consideração, mas não com o objetivo de amarrar o jornalista em uma pauta, mas para nortear sobre os caminhos a seguir. Muitas vezes, por melhor elaborada que esteja a roteirização, ela acaba sendo deixada em segundo plano, pois considera-se o momento e a entrega da fonte durante a conversa. Assim que estabelecida uma relação de confiança entre os interlocutores, ambos conseguem trocar suas vivências e criar uma sintonia, como explicado por Medina (1986):

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (MEDINA, 1986, p. 8).

Ainda que com fins científicos e voltada para a captação de dados, as entrevistas necessitam de contato humano. Essa técnica é uma das potências maiores do jornalismo, desde sua criação, pois coloca o profissional na posição de um aprendiz, em que reconhece sua condição de ouvinte, disposto a construir saberes e ao mesmo tempo informar a sociedade sobre os fatos. De todo modo, o comunicador não dita as regras, mas caminha para que elas percam espaço para a originalidade e a espontaneidade.

Expostos os caminhos trilhados até aqui, no próximo tópico o *longform* e sua estrutura serão abordados, de modo que todos os métodos, técnicas e aportes teóricos abordados fiquem explícitos na descrição do produto presente nesta pesquisa.

4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Por ter sido um conteúdo criado especialmente para esta pesquisa, é necessário detalhar cada passo dado por mim. Assim, o processo de construção do *longform* será explanado e aprofundado nesta seção. O início da produção se deu mediante entrevistas com as fontes escolhidas: quatro voluntários da causa animal, um veterinário e uma pesquisadora dos estudos sobre animais e relações humanas. É importante frisar que a escrita deste trabalho iniciou em 2020, antes da pandemia causada pela Covid-19¹⁰, e sua construção ocorreu durante o período de isolamento social, o que dificultou o processo de apuração e entrevista com os interlocutores. Ainda assim, os encontros possíveis a serem realizados presencialmente contaram com todas as medidas de segurança estipuladas pelas autoridades sanitárias.

As entrevistas seguiam o padrão de compreensão, de acordo com os fundamentos de Lima (1995), com o foco no aprofundamento e no entendimento das histórias, sem o objetivo de julgar ou roteirizar o diálogo. Assim, a troca de experiências foi prioridade, além da possibilidade de criar um espaço para que o outro possa contar a sua trajetória de vida. Sobre esse cuidado, Lima (1995, p. 85) pontua que “nessas ocasiões, o jornalista-escritor atinge uma situação máxima de excelência no domínio da entrevista: a de tecedor invisível da realidade, que salta, vívida, das páginas para o coração, a mente e todo o aparato perceptivo do leitor”.

Muitas conversas com os entrevistados deste trabalho não foram gravadas, mas registradas pela observação, característica muito comum no jornalismo literário. A naturalidade e a espontaneidade possibilitadas pela experiência sem a interferência dos microfones ou câmeras, ajudou a construir uma relação maior de confiança e proximidade com as fontes. Lima explica que

Nasce daí o diálogo possível, o crescimento do contato humano entre entrevistador e entrevistado, que só acontece porque não há a pauta fechada castrando a criatividade. Em muitas ocasiões, surge o painel de multivozes e o repórter, o autor, é apenas um sutil maestro que costura os depoimentos, interliga visões do mundo com tal talento que parece natural tal arranjo, como se surgisse ali espontaneamente, perfeito (LIMA, 1995, p. 85).

Uma das características mais presentes na construção desse material jornalístico foi o contato com as fontes, por meio da humanização do sujeito e do respeito ao ouvir para poder recontar essas histórias. O objetivo nunca foi a romantização das narrativas de vida de cada

¹⁰ A Covid-19 é uma doença infectocontagiosa ocasionada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), que manifesta alguns sintomas comuns à uma infecção gripal, no entanto com outras consequências mais graves que podem rapidamente causar o óbito do paciente. Os primeiros casos da doença foram detectados em Wuhan, na China, em dezembro de 2019, mas o vírus só chegou ao Brasil nos primeiros meses de 2020, quando determinaram o estado de pandemia.

indivíduo, mas transmitir sentimentos e sensações que permitissem a identificação do interlocutor com cada trajetória contada no trabalho.

Os áudios foram captados com a ajuda de um celular e um gravador Sony ICD-PX470, com capacidade para até 159h de gravação. Todas as imagens (fotos e vídeos) também foram produzidas com o celular e o auxílio de um tripé simples para dar mais estabilidade e evitar tremores durante as filmagens. Além disso, para garantir a proteção de todos os envolvidos – autora e fontes – utilizou-se sempre uma máscara PFF2, considerada a mais segura para evitar o contágio pelo novo coronavírus, causador da Covid-19.

Apesar de o projeto ter sido iniciado em 2020, sua conclusão só foi possível em 2021, em decorrência de problemas de saúde física e mental. O isolamento social – necessário pela pandemia – intensificou um quadro misto de Transtorno de Ansiedade Generalizado (TAG) e depressão, o que levou a crises de pânico constantes e fobia social. Mais uma vez, destaco o processo de proximidade entre pesquisadora e pesquisa, evidenciando que não seria possível desenvolver tal trabalho com a devida qualidade e dedicação diante das fragilidades de saúde que me acometeram. Após período de tratamento e acompanhamento adequados, a pesquisa pode voltar a seu desenvolvimento no ritmo desejado, sendo assim finalizada com sucesso.

As entrevistas foram conduzidas após uma série de perguntas pré-definidas para cada entrevistado, além de ganchos para novas perguntas com base nas respostas da fonte. Na produção das reportagens que compõem esta narrativa digital, foram consideradas as seguintes técnicas textuais amplamente utilizadas no jornalismo literário: narração e descrição, *flashback* (eventos do passado), *flashforward* (prever momentos futuros), diálogo e construção cena a cena (LIMA, 1995). Explicando sobre as técnicas, Lima explana que

Tradicionalmente, uma maneira de conduzir essa construção é a que se dá cronologicamente no tempo e linearmente no espaço, com princípio, meio e fim assim ordenados. Mas o homem inventou o cinema e o jornalismo impresso moderno apoderou-se dos cortes de tempo e espaço, das inversões da lógica convencional para justapor, avançar célere em *flashforward* antecipando o tempo, recuar em corte para o passado em *flashback*, para resgatar o que já foi (LIMA, 1995, p. 126).

Isso ocorre porque, como já exposto anteriormente, as memórias não se desenvolvem de maneira linear – ou seja, é possível misturá-las através de recortes temporais, unindo passado-presente-futuro. Em outros termos, as narrativas são construídas com pequenos fragmentos daquilo que vivemos ao longo de nossas trajetórias desde o nascimento. Nas figuras 4 e 5, apresentam-se fragmentos do *longform* em que ocorreram tais fenômenos.

Figura 4 - Exemplo de diálogo, narração, descrição e construção cena a cena em um mesmo parágrafo.

Ajudei a colocá-la no carro e seguimos.

Ainda lembro do cheiro da sala de atendimento, do frio da maca onde ela estava e do medo que ela sentia por estar ali novamente, agora pela última vez. Minha tristeza parecia aumentar a cada minuto e eu podia sentir meu coração se partindo em pedaços miúdos que **jamais poderão ser colados**. “*Laura, eu preciso da sua assinatura para o termo de responsabilidade*”. Minhas mãos tremiam e a caligrafia ficou difícil de entender, mas bastava. “*Ela vai cair aos pouquinhos, só segura a cabeça dela*”. **O paraíso dela estava logo ali.**

Fonte: fragmento do *longform* elaborado por mim, disponível em <<https://www.amor4patas.com.br/>>.

Figura 5 - Exemplo de *flashback* destacado no texto.

Ter um bichinho de estimação para mim sempre foi uma necessidade básica, como comer e dormir. Não pela companhia, mas pela ligação, o que me rendeu o apelido de Dr^o. Dolittle por algumas pessoas. Desde pequena convivi com animais e sei como é incrível a diferença que faz para uma criança ter essa experiência de poder cuidar de outro ser e com isso aprender a ser mais sensível com o próximo. **Qualquer lição pode ser ensinada de forma afetuosa sendo através do amor.** Meu carinho intrínseco pelos animais tem influência do meu pai, que viveu boa parte de sua vida no interior e sempre gostou muito de cuidar de cachorro.

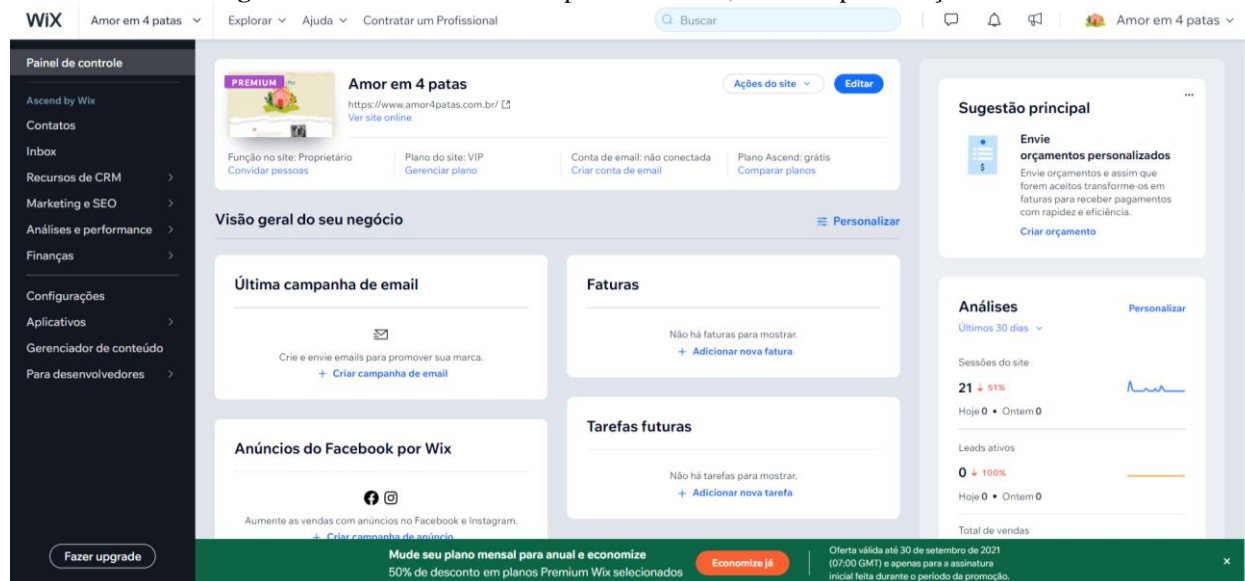
Por volta dos meus 6 anos, tive uma cachorra mandona que atendia por 'Lulu' (mas na verdade chamava 'Mel', porém meu pai sempre funcionou melhor com nomes repetitivos). Lulu era uma vira-latas que vivia no canto de um açougue próximo à minha casa na época, e era alimentada vez ou outra pelo dono do estabelecimento, **mas sempre que meu pai passava lá ficava com vontade de levá-la para casa.** Um dia cansado de ver a bichinha jogada às moscas, papai a trouxe para casa, o que causou uma baita discussão entre ele e minha mãe. Levamos um tempo para convencê-la de que seria incrível tê-la em casa, e que ela também ajudaria na segurança e na caça de ratos. Tudo mentira, bom, pelo menos a parte da segurança, porque até então **a cachorra era bem mansa.**

Fonte: fragmento do *longform* elaborado por mim, disponível em <<https://www.amor4patas.com.br/>>.

A aquisição de informações foi realizada por meio de entrevistas perfis de maneira humanizada, com narrativas centradas na pessoa, tendo em vista que a intenção do trabalho é justamente mostrar a vida dessas fontes e seus envolvimento com a causa social. Segundo os estudos de Lima (2014, p. 57), “da mesma forma como o jornalismo literário desempenha um papel de conotação sociológica, ao traçar retratos de situações e grupos sociais, também exerce uma função de leitura de indivíduos, pessoas, que poderíamos chamar, talvez, de psicológica”. Ademais, a utilização do método de histórias de vida cunhado por Martino (2018) possibilitou a imersão no contexto em que vivem os entrevistados, sendo possível traçar mais pontos para além do simples factual, o que ajuda também a identificação do leitor com o texto.

Para que o *longform* intitulado *Amor em 4 patas* fosse viabilizado, foi necessário antes de tudo um estudo comparativo das opções de plataforma a qual ele seria atrelado. Por fim, após análises feitas, decidiu-se pelo criador de sites *Wix*, em função da familiaridade e da experiência com a ferramenta. O site foi inteiramente criado e produzido pela autora em menos de 20 dias, com um adicional de mais 15 dias para retoques e ajustes finais relacionados a diagramação e a detalhes visuais.

Figura 6 - Painel de controle da plataforma *Wix*, utilizada para criação do site.

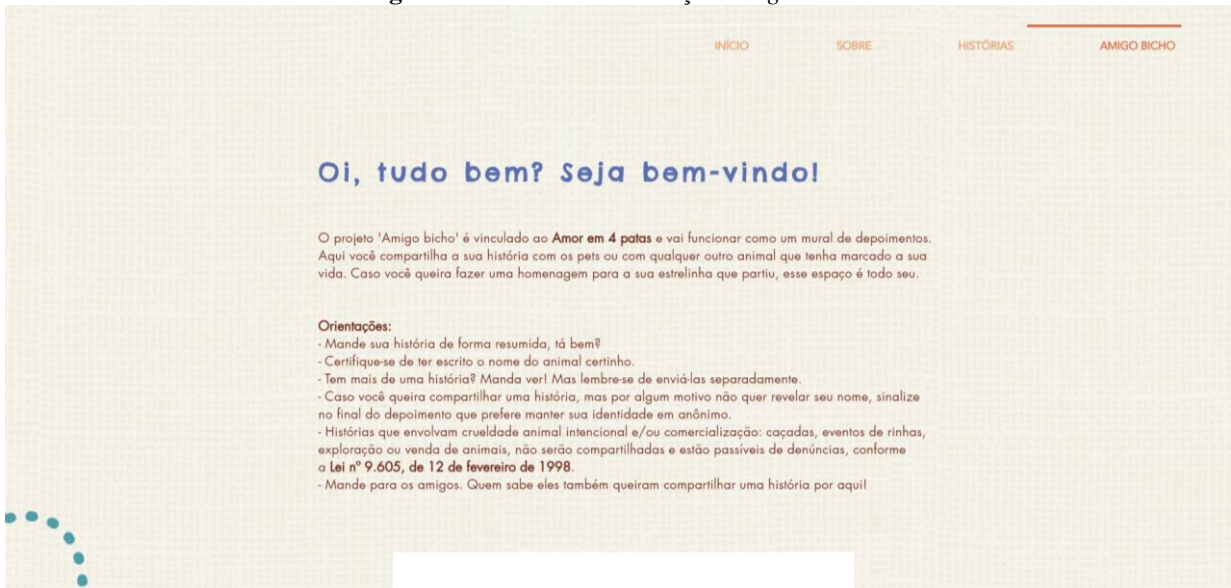


Fonte: recorte de imagem da plataforma *Wix*, disponível em <<https://pt.wix.com/>>.

Para que pudesse ser conectado a um domínio específico de escolha própria, foi necessária a aquisição de um pacote na versão *premium* da plataforma *Wix*, além da compra do domínio em uma empresa habilitada em registros e hospedagens de sites. Sendo assim, as assinaturas têm a duração de um ano e podem ser renovadas no período de vencimento, com a prorrogação a cargo do contratante.

No *longform* utilizamos três fontes, sendo elas: ‘Futura’ regular, tamanho 18, cor marrom claro, no corpo do texto; ‘Chelsea Market’ regular, tamanho 34, na cor marrom escuro para o subtítulo, por ser mais divertida e se assemelhar à ideia do universo dos animais; fonte ‘Reklame Script’ regular, tamanho 24, cor marrom escuro, aplicada nos nomes dos perfilados na página inicial do site; ‘Avenir light’, tamanho 15, cor preto utilizadas na descrição dos perfis. As demais fontes utilizadas são: ‘Questrial’ regular, tamanho 15, para o texto do formulário *Amigo Bicho* (Figura 7 e Figura 8); ‘Libre Baskerville’ itálico-negrito, tamanho 35, para o título das histórias da seção *Amigo Bicho* (Figura 9 e Figura 10).

Figura 7 - Texto inicial da seção *Amigo Bicho*.



Fonte: fragmento do *longform* elaborado por mim, disponível em <<https://www.amor4patas.com.br/amigo-bicho/>>.

Figura 8 - Caixa disponível para envio de histórias na seção *Amigo Bicho*.

The image shows a form titled 'Mande sua história!'. It contains several input fields and a list of radio buttons. The form is set against a background with a decorative pattern of blue dots forming a curved shape on the left side.

Mande sua história!

Nome Sobrenome

Email *

O que te motivou a compartilhar?

- Fazer as pessoas rirem!
- Prestar uma homenagem
- Desabafar e dividir com alguém que talvez tenha passado por isso
- Outro

Agora sim, conte sua história! *

Fonte: fragmento do *longform* elaborado por mim, disponível em <<https://www.amor4patas.com.br/amigo-bicho/>>.

Figura 9 - Início das histórias enviadas para a seção *Amigo Bicho*.



Fonte: fragmento do *longform* elaborado por mim, disponível em < <https://www.amor4patas.com.br/amigo-bicho/>>.

Figura 10 - Continuação de histórias enviadas para a seção *Amigo Bicho*.



Fonte: fragmento do *longform* elaborado por mim, disponível em < <https://www.amor4patas.com.br/amigo-bicho/>>.

Ao todo, o trabalho possui 14 capítulos. O início de cada seção é marcado por uma ilustração que faz referência ao conteúdo do texto, as artes foram assinadas pela artista Beatriz Belo, estudante de jornalismo da Universidade Federal do Amapá. *Dores, memórias e chinelos* é um capítulo autobiográfico em que explico minha trajetória dedicada aos cuidados com os animais. Em *Os gatinhos mágicos*, apresento a história de três gatos que surgiram de forma repentina e mudaram a minha vida. No texto *Entre a rua e o abrigo*, narro a história de uma voluntária da causa animal, que também é referência no meio por ser presidente da ONG Anjos Protetores. Já *Obra da natureza* é uma reportagem que fala sobre uma gata carinhosa resgatada ainda filhote pela

minha mãe. Há uma pitada de comicidade em *Brasilit: o dono dos telhados*, que narra a trajetória de um felino que vive nos telhados e surge apenas para se alimentar. Com uma narrativa sensível, *O paraíso de Eva* traz o enredo de uma cachorrinha rejeitada pelos antigos tutores e que foi adotada com muitos traumas. Em *O bendito fruto perdido*, Tônico José é o protagonista com história de superação: gato idoso FIV+¹¹, foi salvo da morte e hoje vive sua ‘aposentadoria’ livre das ruas. Já *Gaia* teve sua construção de narrativa ambientada na história de uma voluntária-presidente da ONG Gateiros Tucujus que, ao longo da construção deste trabalho, também se tornou mãe. Há tristeza em *Sem rumo, sem endereço*, capítulo que aborda a vida de uma cachorrinha resgatada após ter sido picada por uma cobra no campus Marco Zero da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). A escolha dos felinos tem poder em *Tem lugar sobrando?*, narrativa sobre a jornada de um gato que ‘forçou’ a própria adoção e se negou a ir embora do lugar onde era alimentado, escolhendo com firmeza seus tutores. Em *A galinha de ouro*, gatos e cachorros ficam em segundo plano – a história descreve minha curiosa irmandade com uma galinha, um de meus primeiros pets durante a infância. Em *Coração indomável*, a emoção novamente ganha vez na história de Jéssica Sodré, uma gateira que não tinha muito apreço por animais e hoje é uma das maiores protetoras da cidade de Macapá (AP). Apresentamos uma fábula inspirada em histórias reais em *O centauro e o basilisco*, que fala sobre um fazendeiro autodeclarado amante dos animais, mas esconde a morte dos bichos sob a própria ganância por dinheiro e poder. Em um dos casos mais marcantes da ONG Gateiros Tucujus, *Calla Viajante* foca na crueldade dos maus tratos quando conta a história de uma gata preta que teve as patas traseiras amputadas em uma sexta-feira 13. Na época, a felina estava grávida e passou dias agonizando até ser encontrada e resgatada. Da Figura 11 a Figura 21, apresentamos as ilustrações de Beatriz Belo feitas especialmente para este *longform*.

Para essa construção das imagens que constituiriam o site, foi necessário uma conversa prévia com a ilustradora, em que foi explicado todo o conceito do trabalho e a linha que deveria ser seguida. Dessa forma foi possível, de maneira conjunta com a autora, que a artista tivesse liberdade criativa dentro da temática dos animais. Os esboços eram sempre apresentados para a autora antes que cada desenho passasse pela etapa de coloração, para garantir que o rascunho estivesse alinhado com o personagem retratado. Ressalto que a artista foi de suma importância neste trabalho, visto que a parte visual tem um papel muito significativo em uma *longform*.

¹¹ Doença que debilita o sistema imunológico felino, semelhante à ação do HIV em seres humanos. O vírus pode ser transmitido por outro gato de várias formas: no parto, durante a amamentação, no contato com sangue e urina, durante o acasalamento ou em brigas. Gatos que testam positivo para a doença estão mais suscetíveis ao desenvolvimento de outras enfermidades, por terem a imunidade mais frágil, o que pode dificultar o tratamento de condições mais simples como a gripe, por exemplo.

Figura 11 - Imagem de entrada do longform elaborado por mim.



Fonte: ilustração de Beatriz Belo, 2021. Disponível em <<https://www.amor4patas.com.br/>>.

Figura 12 - Imagem de abertura da seção *Obra da natureza*.



A ilustração é referente à história da gata Amora, resgatada pela mãe da autora. Desde pequena a gata era muito apegada e dócil com todos. A artista responsável se inspirou em fotos e depoimentos da própria autora, para criar as ilustrações e conseguir retratar de forma mais fiel os personagens que seriam ilustrados. Fonte: ilustração de Beatriz Belo, 2021. Disponível em <<https://www.amor4patas.com.br/obra-da-natureza>>.

Figura 13 - Imagem de abertura da seção *Calla viajante*.



A figura 13 abre o capítulo de Calla, uma gata resgatada da ONG Gateiros Tucujús, na qual a autora faz parte, e que ganhou o apelido de “viajante” por ter ido a outro estado fazer a cirurgia de implantação de próteses, e posteriormente viajado para morar em Minas Gerais, onde foi adotada. Fonte: ilustração de Beatriz Belo, 2021.

Disponível em <<https://www.amor4patas.com.br/calla-viajante>>.

Figura 14 - Imagem de abertura da seção *Coração indomável*.



A figura 14 inicia o capítulo “Coração indomável”, optou-se por retratar dois dos gatos da personagem principal do texto em questão. Os dois animais foram os primeiros resgates da fonte, e por isso, se tornaram marcantes em sua história. Fonte: ilustração de Beatriz Belo, 2021. Disponível em <<https://www.amor4patas.com.br/coracao-indomavel>>.

Figura 15 - Imagem de abertura da seção *Entre a rua e o abrigo*.



A figura 15 retrata a personagem principal do capítulo, que é presidente de uma ONG que abriga animais abandonados. Fonte: ilustração de Beatriz Belo, 2021. Disponível em <<https://www.amor4patas.com.br/entre-a-rua-e-o-abrigo>>.

Figura 16 - Imagem de abertura da seção *O centauro e o basilisco*.



A figura 16 retrata o capítulo “O centauro e o basilisco” que mescla ficção e realidade em um conto sobre um centauro que busca salvar os animais de um basilisco fazendeiro egocêntrico. Fonte: ilustração de Beatriz Belo, 2021. Disponível em <<https://www.amor4patas.com.br/o-centauro-e-o-basilisco>>.

Figura 17 - Imagem de abertura da seção *Gaia*.



A figura 17 é inspirada na personagem principal do capítulo “Gaia”, uma jovem protetora animal que se tornou mãe e passou a equilibrar os resgates com a maternidade. Fonte: ilustração de Beatriz Belo, 2021. Disponível em <<https://www.amor4patas.com.br/gaia>>.

Figura 18 - Imagem de abertura da seção *Os gatinhos mágicos*.



A figura 18 é referente à história de 3 gatinhos resgatados no período do natal e são chamados de “mágicos” porque sobreviveram como um milagre. Fonte: ilustração de Beatriz Belo, 2021. Disponível em <<https://www.amor4patas.com.br/gatinhos-magicos>>.

Figura 19 - Imagem de abertura da seção *Dores, memórias e chinelos*.



A figura 19 ilustra o capítulo autobiográfico da autora, em que é contada a história do início da relação com os animais e a perda de dois deles, retratados como anjos na ilustração acima. Fonte: ilustração de Beatriz Belo, 2021.

Disponível em < <https://www.amor4patas.com.br/dores-memorias-e-chinelos>>.

Figura 20 - Imagem de abertura da seção *O bendito fruto perdido*.



A figura 20 ilustra o capítulo que conta a história de Tônico, um gato idoso, FIV+, que vive como o único macho em uma casa habitada apenas por mulheres. Fonte: ilustração de Beatriz Belo. Disponível em

<<https://www.amor4patas.com.br/o-bendito-fruto>>.

Figura 21 - Imagem de abertura da seção *O paraíso de Eva*.



A figura 21 mostra a ilustração do capítulo da cachorra Eva, adotada pela autora, após sofrer maus-tratos dos antigos tutores. Fonte: ilustração de Beatriz Belo, 2021. Disponível em <<https://www.amor4patas.com.br/o-paraiso-de-eva>>.

A autora criou uma pasta em drive online para que a ilustradora responsável tivesse acesso a imagens e vídeos dos personagens que seriam retratados. Dessa forma, foi possível que a artista, mesmo sem conhecer, entendesse a personalidade e a essência do que seria transformado em traço, posteriormente. A criação conjunta dos ilustrados, com a orientação da autora, possibilitou um retrato mais fiel para as artes finais.

Todas as reportagens seguem a linha literária, com presença de descrição e narração, objetivando ambientar o leitor nas histórias e, principalmente, provocar a identificação. O capítulo *Gaia* começou a ser produzido em 2016 (Figura 22) e inicialmente se tratava de uma matéria da disciplina de Redação e Reportagem. No entanto, ao decorrer do seu desenvolvimento, optei por guardar o conteúdo para ser destrinchado em projetos futuros – nesse caso, o trabalho de conclusão de curso.

Figura 22 - Trecho do texto disposto na seção *Gaia*.



Fonte: fragmento da seção *Gaia* no longform elaborada por mim, disponível em <<https://www.amor4patas.com.br/gaia/>>.

Utilizou-se recursos de grifo (negrito) para dar ênfase e reforçar ainda mais a importância de trechos significativos das produções dentro da narrativa, além do itálico para diferenciar os depoimentos das fontes, como exibido na Figura 23:

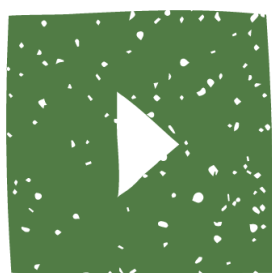
Figura 23 - Fragmento do texto disponível no longform em que utilizamos os recursos itálico e negrito.

*"O dia a dia na causa animal é difícil. Muitas vezes passamos do nosso limite, **a gente vive constantemente no limite de tudo.** Financeiro, tempo, desgaste - físico e emocional - e com o Alu isso se agravou ainda mais. Busco, diariamente, ter um pouquinho mais desse equilíbrio, não passar do meu limite e respeitar esse momento da maternidade, mas seguir na causa da forma que dá".*

Em 2016 eu era uma admiradora do trabalho de Allana, com o passar dos anos constatei que aquilo era somente um grão diante das coisas que ela realmente significa e do que é capaz de fazer, digo fazer porque o que ela sonha se transforma sempre em realidade, mesmo que demore, tudo se materializa. Grandiosa e radical, a geminiana é a própria força da natureza. **A terra, que também é Allana, renascida em Gaia.**

Fonte: fragmento do *longform* elaborado por mim, disponível em <<https://www.amor4patas.com.br/amigo-bicho/>>.

Os áudios das entrevistas foram bastante utilizados como uma espécie de 'narração' nos vídeos dispostos pelo *longform*, compilados no momento da edição. Apenas no texto *Gaia* foi utilizado o depoimento na íntegra, com player, para que o leitor possa conferir o áudio na íntegra, como mostra a Figura 24.

Figura 24 - Player com áudio do depoimento e transcrição de fragmento na seção *Gaia*.

Clique para ouvir

“Não espero que ele seja atuante na causa animal como eu, mas eu quero ensinar esses valores para ele e que, com o passar do tempo, ele possa se conhecer e descobrir o que gosta e como se sente melhor ajudando, para escolher a causa social que ele se sente mais à vontade e se sinta feliz”.

Fonte: fragmento da seção *Gaia* no *longform* elaborado por mim, disponível em <<https://www.amor4patas.com.br/gaia/>>.

No total, seis pessoas foram entrevistadas, incluindo voluntários da causa animal, ativistas, um veterinário e uma pesquisadora referência nacional e internacional nos estudos das relações entre seres humanos e animais. Na Tabela 1 isso é exposto de forma concisa:

Tabela 1 - Descrição de entrevistas e entrevistados para elaboração do projeto.

FONTE	Nº DE ENTREVISTAS REALIZADAS	Nº DE VISITAS AO LOCAL
Allana Feijão (Voluntária)	3 (presenciais)	7 visitas
Jéssica Sodré (Voluntária)	1 (presencial)	1 visita
Laudenice Monteiro (Voluntária)	1 (presencial)	1 visita
Bárbara Katerine (Voluntária)	1 (virtual)	-
Vicente Lira (Médico veterinário)	1 (virtual)	-
Eveline Baptistela (Pesquisadora)	1 (virtual)	-

Fonte: tabela elaborada por mim para fins desta pesquisa.

  importante destacar o empenho na capta o dos depoimentos e dos materiais audiovisuais, tendo em vista que apenas uma pessoa realizou a pesquisa sem ajuda de terceiros. Em campo, foi possível colocar em prática os conhecimentos teóricos acerca da fotografia, muito importante no desenvolvimento do *longform*, e principalmente a criatividade no momento de gerenciar os poucos equipamentos disponíveis.

O design pensado para o trabalho foi criado a partir de traços mais simples, explorando mais as cores em um estilo livre, sem muitas marca es. A ideia era trabalhar com símbolos e figuras que fossem mais simples, porém significativos e marcantes. Utilizamos muito as cores verde (em seus diferentes tons), preto, vermelho, rosa, azul e amarelo, paleta essa escolhida pela

autora em conversa com a ilustradora, levando em consideração o eixo temático, os personagens e o universo mais lúdico que envolve os animais.

Figura 25 - Créditos ao fim do *longform*.

© Copyright 2021, Todos os direitos reservados | Desenvolvido com ❤️ por Laura Machado

Fonte: fragmento do *longform* elaborado por mim, disponível em < <https://www.amor4patas.com.br/>>.

O encerramento do *longform* conta com um teaser produzido a partir de vídeos captados em vários lugares, com capturas de imagens de animais em contexto de abandono. As imagens foram filmadas em vários dias, incluindo períodos chuvosos, o que dificultou em parte a utilização do celular para a gravação. A narração e a edição do vídeo também foram realizadas por mim após a finalização do projeto.

Figura 26 - Vídeo de encerramento do *longform*.

A realidade das ruas...



Fonte: fragmento do *longform* elaborado por mim, disponível em < <https://www.amor4patas.com.br/>>.

A elaboração deste projeto foi, inegavelmente, complicada – tendo em vista as dificuldades já conhecidas do processo de construção de uma pesquisa, além do contexto pandêmico que gerou diversos gargalos para a finalização deste trabalho. Entretanto, o resultado final envolve, entre outras coisas, a possibilidade de realizar toda a teoria aqui trabalhada. Colocar o jornalismo de imersão em prática por intermédio da criação deste *longform*, além de dar destaque para a causa animal utilizando o jornalismo literário como mecanismo de sensibilização da população para a pauta inspiram o sentimento de vitória. Nas considerações finais, os diversos aspectos que determinam a linha de chegada desta pesquisa serão explanados após a descrição do cronograma e do orçamento, disponíveis nas seções a seguir.

5 CRONOGRAMA DA PESQUISA

Tabela 2 - descrição das atividades feitas ao decorrer da pesquisa.

<u>Atividades/Semestres</u>		<u>2020</u>		<u>2021</u>	
		<u>1º sem.</u>	<u>2º sem.</u>	<u>1º sem.</u>	<u>2º sem.</u>
1ª fase	Escolha das fontes e detalhamento da produção	X	X		
	Revisão bibliográfica	X	X		X
	Reuniões com a orientadora	X	X	X	X
	Coleta do material junto às fontes	X	X	X	X
	Registro do domínio do site e da plataforma digital para o <i>longform</i>			X	
2ª fase	Reuniões virtuais com a orientadora e readequação do projeto visando à pandemia	X	X		
	Participação em eventos científicos			X	
	Leituras e estudos teóricos	X	X	X	X
	Produção das reportagens e edição audiovisual	X	X	X	X
3ª fase	Finalização das reportagens				X
	Elaboração do site				X
	Produção do memorial	X	X	X	X
	Revisão e redação final			X	X
	Defesa do TCC				X

Fonte: tabela elaborada para fins desta pesquisa.

6 ORÇAMENTO

Este trabalho foi inteiramente produzido com recursos financeiros próprios, com custos de locomoção, gráficos (ilustrações) e demais itens referentes ao desenvolvimento do site.

Tabela 3 - descrição do orçamento utilizado para esta pesquisa.

DESPESAS	VALOR
Locomoção	R\$150,00
Ilustrações	R\$465,00
Domínio do site	R\$40,00 (mês/agosto a novembro)
Servidor de hospedagem do site	R\$45,00 (mês/agosto a novembro)
Revisão do memorial	R\$295,00
TOTAL: R\$1.250	

Fonte: tabela elaborada para fins desta pesquisa.

Para realizar as reportagens desta pesquisa, foi necessário que me deslocasse até a casa/abrigo de cada voluntário entrevistado. Algumas viagens não foram orçadas, pois a ida até o local foi viabilizada por caronas. As ilustrações foram criadas exclusivamente para este projeto pela artista

Beatriz Belo. As ideias foram todas decididas entre mim e a ilustradora, bem como a escolha das cores trabalhadas e o estilo dos desenhos produzidos.

O domínio do site é o nome registrado para ser utilizado na internet, pago mensalmente no valor de R\$40,00, contrato esse firmado em agosto, para garantir a exclusividade do título. Desse modo, foram pagas 4 parcelas até o momento, referente ao período agosto/novembro, totalizando R\$160,00, tal qual o pagamento do servidor de hospedagem do site, também registrado mensalmente, em 4 parcelas de R\$45,00, totalizando R\$180,00.

Por fim, a revisão ortográfica do memorial foi realizada visando a qualidade do texto final e demais itens expostos, garantindo a homogeneidade do conteúdo e a avaliação da produção deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda pesquisa surge a partir de uma necessidade, seja individual ou coletiva. Este projeto nasceu de uma vontade do coração, de poder ajudar além do convencional e de poder ampliar vozes que ainda ecoam no esquecimento. Quando a graduação da autora iniciou, ainda em 2016, a inquietação era a de tentar entender como o jornalismo poderia ajudar a dar mais visibilidade a uma causa que ainda era vista como desnecessária e, por isso, invisibilizada.

Os conhecimentos teóricos foram fundamentais para que esse trabalho se tornasse realidade. A preocupação em poder recontar as histórias, da maneira mais fidedigna possível sempre se fez presente durante produção e escrita das reportagens. O jornalismo humanizado pode ser um dos muitos caminhos que ainda vão transformar os rumos do jornalismo. O cuidado com as pessoas, a empatia e a identificação também são ferramentas transformadoras para quem se dedica diariamente a trabalhar com a escuta das pessoas.

Este trabalho é um exemplo de como a comunicação pode ser uma aliada de pautas ambientais, se bem explorada, e ajudar na construção de uma imprensa menos especista e mais preocupada em como essa informação vai chegar até o público-consumidor. Mesmo a mais nobre das criações pode ter um impacto negativo na vida de alguém. Desse modo, é importante estar atento aos desdobramentos de um fato e como ele vai ser noticiado. O objetivo do jornalismo é lapidar as informações para que ela seja acessível, não ser mais uma arma de destruição de vidas.

A delimitação do objeto deste estudo por muitas vezes foi desacreditada, pois os animais ainda não são vistos com a real importância que possuem. Cheguei a pensar em desistir, mas confiei na relevância social de abordar essa temática e de seus desdobramentos positivos para a causa futuramente. Mesmo que de maneira gradativa, a discussão e a repercussão deste trabalho podem ajudar a viabilizar a criação de políticas públicas que de fato funcionem para a proteção animal no Estado do Amapá.

Sendo assim, este produto jornalístico contribuiu de forma significativa para o trabalho da causa animal quando se dedicou a evidenciar histórias de voluntários que lutam por melhorias ambientais e contribuem, da forma que podem, para a construção de um mundo melhor e mais justo para os animais. Precisamos considerar que essas pessoas são apagadas e têm suas trajetórias de vida atreladas ao esquecimento, da mesma forma em que vivem os animais. Por conta disso, poder contar suas próprias histórias em um espaço especificamente construído para elas também influenciou para que esses indivíduos pudessem ser incluídos socialmente.

Todas as hipóteses levantadas no início desta pesquisa foram respondidas durante a construção do projeto. O trabalho voluntário pode sim ser destacado, em diferentes abordagens

comunicacionais, a partir do jornalismo ambiental. Assim como a comunicação comunitária também pode ser um fator de transformação de realidades, através da divulgação de dados e informações que possam contribuir para o dia a dia das organizações e ativistas engajados.

O objetivo deste estudo era coletar relatos de voluntários da proteção animal do estado, por meio de entrevistas aprofundadas, e assim recontar suas histórias em um formato digital que permitisse um alcance maior do público. No entanto, além dos objetivos previamente traçados, outra meta também pode ser atingida espontaneamente: os voluntários tiveram a oportunidade de enxergar suas próprias vidas a partir de outro ponto de vista. É muito importante perceber como estar em evidência, por sua própria trajetória, é significativo para essas pessoas, que costumam estar sempre na sombra da história de seus resgatados.

Posto isto, fica evidente a contribuição do jornalismo para pautas sociais e comunitárias. Espera-se que este trabalho possa, de alguma forma, ajudar na construção de projetos futuros voltados para esse tema, e que o jornalismo, nos próximos anos, se consolide para atender de forma mais humanizada e aprofundada, as pautas ambientais.

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/92139811/ANGROSINO-Etnografia-e-observacao-NEW>>. Acesso em: 10 out. 2021.
- ARFUCH, L. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.
- BACCIN, A. A reportagem no ambiente digital - da multimídia à hipermídia. **8º Congresso Internacional de Ciberjornalismo (CIBERJOR)** – UFMS, 2017. Disponível em <http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor8/files/2017/08/Artigo_final_CIBERJOR_2017.pdf>. Acesso em 18 nov. 2021.
- BAPTISTELLA, Eveline dos Santos Teixeira. **Entrevista concedida a Laura de Oliveira Machado** [Apêndice A desta monografia]. Macapá, AP, 14 ago. 2021.
- BAPTISTELLA, E. T. Animais e fronteiras: um estudo sobre as relações entre animais humanos e não humanos. Curitiba: Appris, 2019, 1ª ed.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BOAS, V. S. **Perfis**. São Paulo: Summus, 2003.
- BUENO, W. C. Jornalismo ambiental: explorando além do conceito. *Desenvolvimento e meio ambiente*. n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007.
- CANAVILHAS, J. Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação - BOCC-UBI**. p. 01-17. 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>>. Acesso em: 17 de outubro de 2021.
- CANAVILHAS, J. **A reportagem paralaxe como marca de diferenciação da Web**. Em Paula Requeijo Rey y Carmen Gaona Pisonero, *Contenidos innovadores en la Universidad Actual*, pp. 119-129. Madrid: McGraw-Hill Education, 2014.
- COSTA, C. E.; JORGE, M. S. B.; SARAIVA, E. R. A.; COUTINHO, M. P. L. Aspectos psicossociais da convivência de idosos com animais de estimação: uma interação social alternativa. **Psicologia: Teoria e Prática**. São Paulo, vol. 11, p. 2-15, 2009.
- DIAS, C. E. A Defesa dos animais e as conquistas legislativas do movimento de proteção animal no Brasil. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 2 n. 2, p. 149-168, 2007.
- GIACOMINI, G; ALMEIDA, C. R. O novo voluntariado e a comunicação de ONGs no contexto da América Latina. **ECCOM - Revista de Educação, Cultura e Comunicação**, São Paulo, v. 7 n. 14, p. 191-203, 2016.
- GIL, C. A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GIUMELLI, D. R.; SANTOS, P. C. M. Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies**, XXII (1): 49-58, jan-jun, 2016.

GOLÇALVES, S. D. **Ativistas Veganos**: vivendo o desafio de engajar as pessoas na luta pela libertação animal. 2015.

GUEDES, I. 'Será que Deus me ouve?' Famílias vivem em calçada de universidade no Ceará. **TAB Uol**, Fortaleza, Ceará. 23 ago. 2021. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/08/23/sera-que-deus-me-ouve-familias-vivem-em-calçada-de-universidade-no-ceara.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

HIDALGO, L. A.; BARRERO, F. A. M. Os Caminhos da Imersão na Era do Jornalismo Transmidiático: do papel à realidade virtual. **Revista Parágrafo**, São Paulo, v. 4 n. 2, p. 102-11, 2016.

LAPLANTINE, F. **A descrição etnográfica**. São Paulo: Terceira Imagem, 2004. Disponível em: <pt.scribd.com/document/207536395/Laplantine-A-descricao-etnografica>. Acesso em: 28 out. 2018.

LAPLANTINE, F. O jornalismo literário e a academia no Brasil: fragmentos de uma história. **Jornalismo Literário**. Porto Alegre, v. 23, n. supl., outubro, 2016.

LEAL, Bruno Souza. Sobre periodismo y narración: desplazamientos y cuestiones. **Cuadernos de Información y Comunicación**, vol. 19, 2014, p. 150-178.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Unicamp, 1995, 2ª ed.

LIMA, E. P. **Jornalismo Literário para Iniciantes**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

LONGHI, Raquel; WINQUES, Kérley. **O lugar do LongForm no Jornalismo online**: Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. **BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH** - Volume 1 - Número 1 – 2015. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/693/621>>. Acesso em: 08 abr. 2021.

LYRIO, A. A professora de português que vive há cinco meses em um aeroporto. **TAB Uol**, Salvador, Bahia. 24 abr. 2021. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/04/29/a-professora-de-portugues-que-vive-ha-cinco-meses-em-um-aeroporto.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

MARTINO, S. M. L. **Métodos de Pesquisa em Comunicação**: projetos, ideias e práticas. Petrópolis: Vozes, 2018. Disponível em: <https://pt.scribd.com/read/405840478/Metodos-de-pesquisa-em-comunicacao-Projetos-ideias-praticas#__search-menu_132559>. Acesso em 28 out. 2021.

MARQUEZ, G. G. **Viver para contar**. Trad. Eric Nepomuceno. 11. ed. Record, 2003.

MARTINEZ, M. Jornalismo literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 40, n. 3, p.21-36, set./dez. 2017.

MEDINA, C. **Povo e Personagem**. Canoas: Ulbra, 1996.

MEDINA, C. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, C. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986. Disponível em: <issuu.com/emanuellimeira/docs/livro_entrevista-o_di_logo_poss_vel__cremilda_de_a>. Acesso em: 28 out. 2018.

MOREIRA, Rejane. Narrativa e Experiência: Contribuições da Imersão para a Construção do Texto Jornalístico. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Foz do Iguaçu, PR, 2014.

OLIVEIRA, C. P. Reflexões sobre o papel do jornalismo comunitário na cotidianidade para constituição de pensamento crítico. **IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais**. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS. Vol 1. N. 4. 2020

OLIVEIRA, S. D. N. P. Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Brasília, 2006.

PINTO, Daniela Caniçali Martins. **Pode o animal falar?**: um estudo sobre o especismo no jornalismo brasileiro contemporâneo, 2021. Tese de doutorado Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/227047>>. Acesso em: 15 out. 2020.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5. nº. 10, 1992, p. 200-212.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SCHEIBE, R. **Tempos de chorar e de sorrir no espaço da morada**: um estudo socioantropológico de mulheres resistentes marcadas pela tragédia em Macapá-AP. Macapá: UNIFAP, 2017. 404 p. Coleção Gapuia.

SINGER, P. **Libertação animal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SQUIRE, Corinne. **O que é narrativa?** Revista Civitas, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 272-284, maio-ago. 2014. Dossiê Narrativas.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis**: e como escreve-los. São Paulo, Summus, 2003. (Novas buscas em comunicação; v. 69), 2ª ed.

APÊNDICE A – Transcrição de entrevista com Eveline Baptistella, feita em 14 de agosto de 2021¹²

LM: O que levou você a pesquisar essa temática? E na sua visão, como o trabalho das ONGs e dos protetores independentes ajudam nesse contexto social?

EB: A minha história começou desde criança, sempre tive essa conexão forte com os animais. Meus amiguinhos de infância todos apanhavam quando jogavam sal em sapos, batia mesmo. Então sempre foi algo que eu adorei e sempre tive uma conexão muito forte. Conforme eu virei jornalista, eu trabalhava com automobilismo, mas acabei indo para uma emissora que era uma afiliada da Globo e ali eu voltei a ter contato com questões ecológicas bem profundas, justamente porque lá onde eu morava e trabalhava, estávamos sofrendo um processo muito forte de desmatamento, algumas espécies, como a Jaguatirica, tinham desaparecido e isso foi muito forte para mim.

Minha vida ficou marcada no dia em que um biólogo falou para mim que tinha achado rastros de Bugio¹³. Aquele animal estava tão raro que só de achar um rastro já mexia muito comigo. Passou um tempo e eu vim para Mato Grosso, para trabalhar em um projeto ecológico. Só que nele eu me dei conta que não era bem ecológico. De ecológico era só o nome. Eu saí e voltei a trabalhar com televisão. Como jornalista, passei a me dedicar a pautas que falavam sobre meio ambiente, sempre com foco muito grande nos animais. Nesse processo todo eu tinha muito contato com pesquisadores, ativistas... até que eu casei. Por que eu falo da minha vida pessoal? Porque foi uma cachorra que me levou para a proteção, de fato. Eu usava a minha profissão para dar voz aos animais, mas não tinha um contato forte com isso, nessa perspectiva que você falou. Eu casei e uma pessoa me deu a minha cachorra Maggie – ela chegou para mim em um estado de quase morte, a pessoa me deu porque a cachorra estava morrendo, em um estágio avançado de doença do carrapato. Ela comia, vomitava, tremia, estava muito mal. Os 3 primeiros veterinários que eu procurei falaram para mim que tinha que eutanasiar, porque não valia o que eu ia gastar, talvez não sobrevivesse. E aquilo foi um tapa na minha cara, eu não entendia como. Eles diziam “arruma outro, você não vai poder nem cruzar ela”, já que ela era de raça, uma boxer. Ela tinha tudo o que você pode imaginar: problema cardíaco, no quadril, talvez tenha sido usada para ser uma matriz¹⁴ e depois não era mais viável. Até que eu encontrei um veterinário que me disse que eu gastaria uma montanha de dinheiro, talvez ela de fato não sobrevivesse, mas que nós iríamos tentar.

¹² As falas seguem identificadas por LM – sendo essa Laura Machado – e EB – identificando Eveline Baptistella.

¹³ Animal extinto.

¹⁴ Nome dado às fêmeas usadas no mercado de animais exclusivamente para fins reprodutivos.

E foi aquela coisa, remédio, chá de não sei o que, foram meses de tratamento. E ela viveu. Morreu ano passado, há cerca de um ano. Você me desculpa se eu me emocionar, é que eu estou vendo a foto dela aqui na outra tela. Ela viveu 14 anos. A vida dela não valia nada, ela ia ser morta e viveu 14 anos de uma vida significativa. Foi aí que eu pensei que deveria fazer mais do que eu estava fazendo no momento. Eu tinha saído da televisão para trabalhar em uma empresa de assessoria de imprensa, para ter uma rotina mais tranquila, ficar mais em casa. Eu procurei a ONG da cidade e comecei a trabalhar com eles, na parte de divulgação e comunicação, e você sabe, a gente pega um gatinho ali, um cachorro aqui, a vida é essa. Eles vêm para a gente.

Eu tive uma perspectiva inicialmente de trabalhar com as ONGs e com protetores independentes. Entrei no movimento contra a crueldade com animais, virei a mobilizadora aqui em Mato Grosso e fizemos 2 anos de manifestação. A ideia que eu comecei a desenvolver era de que não poderíamos ficar só na rua e que precisávamos de um outro braço político, para atuar no tecido social de outra forma, porque eu vi que a nossa busca não tinha fim. Eu chegava todos os dias na universidade e tinha caixa de animal abandonado no meu trabalho, alguns tinham acabado de nascer, bichos que não sobreviviam, gato queimado em lixeira, envenenados, e eu comecei a repensar e coloquei na cabeça que devíamos fazer mais do que isso.

Buscando essas ações, comecei a dar aula, fiz mestrado e comecei a trabalhar como bolsista na universidade e lá, em todo esse contexto, preparei um projeto para o mestrado, mas sempre ligada à causa dos animais, muito envolvida com isso. Meu orientador da época, uma semana antes de entregar o projeto para concorrer ao mestrado, perguntou: “Você ama animais?”, respondi que sim. “Mas ninguém vai aceitar um projeto desse”, ele disse, ainda mais eu sendo jornalista, as pessoas acham que animais precisam ficar restritos à ecologia e ele disse: “Faz o teu projeto, talvez você não passe... não, você não vai passar, mas a gente vai procurar um programa, até que algum vai te aceitar”.

Fizemos o projeto e eu passei, foi um negócio muito louco, eram 25 vagas e eu fiquei como 24ª, mas eu passei. Não foi muito bem recebido nem na entrevista. Minha orientadora trabalhava com veganismo, alimentação e pediu para eu mudar o projeto, e foi aí que começou a nascer o ‘Animais e Fronteiras’. Mas ela disse que eu não poderia continuar no ativismo, porque eu não teria o distanciamento necessário, e eu tive que me desligar das ONGs. Mas claro, continuei contribuindo, entrevistando essas pessoas, mas com esse distanciamento. Depois que eu fui morar em outra cidade acabei me envolvendo de novo. A gente nunca consegue sair, porque o meu caminho como pesquisadora foi esse, de pensar: “Certo, eu amo animais, e o que eu posso fazer como pesquisadora para mudar a realidade deles?”.

A minha ideia era entrar no mestrado com um projeto sobre água, porque aí todo mundo ia querer saber e falar, já que é um patrimônio, e achei que quando eu entrasse eu ia enfiar o animal lá de alguma maneira [risos]. Mas felizmente eu já consegui entrar com isso. Tive vários momentos de apresentação de trabalho em que colegas falavam no final: “Nossa, eu achava o teu projeto uma besteira, mas ele é tão bom” ou “Meu Deus, como assim é uma coisa tão profunda?”. Porque as pessoas acham que para falar sobre animal não tem conteúdo. Sabe aquelas listas para falar no final da aula? Queriam colocar sempre o meu nome no fim, porque meu trabalho era sobre animal, então “não tinha importância”.

Foi algo que fomos construindo. É um movimento de pesquisadores que estudam os animais no Brasil e se colocam em uma posição de dizer ‘estou falando desse lugar’, que não fingem que a gente não tem subjetividade. Nós pesquisamos o que amamos. Ninguém levanta de manhã para fazer ciência e pesquisar o que odeia para ter certeza que os dados estão corretos. Não é assim. A ideia era que a pesquisa subsidiasse jornalistas, políticos e todas as pessoas que estão nessa área, para ajudar a ver que somos muito especistas. Eu trabalho isso em mim sempre, porque vivemos nessa contradição. Precisamos mostrar que os animais são muito mais do que a gente concede a eles. Foi assim que eu fiz esse salto do ativismo.

Semana passada uma juíza me mandou uma decisão dela, baseada no meu trabalho e isso é muito legal. É muito bom ver estudantes, como você, e de outras áreas, usando também esses estudos. Porque eu entendo que vocês é que vão chutar a porta do especismo, o futuro é vocês. Eu vejo o trabalho das ONGs como sendo muito importante, só que são pessoas com um envolvimento profundo, você conhece isso. São pessoas que abrem mão de tudo. É real, não é choradeira não. Já vi pessoas que pegaram a própria casa, tiraram toda a família e foram morar em um apartamento pequeno, porque a casa virou um abrigo. Gente que termina o casamento, que o filho menospreza, sabe? A sociedade olha para essas pessoas de uma maneira ruim, dizem que são loucos, desequilibrados e a maior angústia deles sabe qual é? Não conseguir salvar todos.

Tenho sempre comigo uma frase: eu não me lembro de todos os animais que resgatei, mas lembro de todos que eu não resgatei. A ideia da proteção animal é muito importante, mas ela precisa ser bem mais visibilizada do que é. O Estado também tem uma responsabilidade com esses animais. As pessoas acham um cachorro perdido na esquina e ligam para a ONG. Nossa, são inúmeras ligações, é cada pedido... Aqui na cidade em que eu moro estou em isolamento social, e ainda assim, tem um gato que me adotou e mora aqui, mas ele veio da rua, aos poucos foi ficando. Esses animais continuam vindo, porque a sociedade enxerga a ONG assim. Seria muito fácil achar um bicho e ligar: “olha, tem um cachorro aqui passando mal”, como se isso bastasse. Na verdade,

é só um paliativo moral, que envolve o entorpecimento psíquico. “Eu liguei e fiz a minha parte”. Aí eu vejo que precisa de uma rede muito maior, para reconhecer que o Estado também tem uma responsabilidade com esses animais.

LM: E o termo “senciência”?

EB: Eu tenho uma luta muito grande contra o termo “senciência”, pois ele é a primeira expressão do nosso especismo. Inventamos uma palavra para dizer que a consciência do animal é inferior à nossa. Quando falamos para um pombo, uma barata ou um rato, não temos como medir o que ele está experimentando de vida, assim como o seu vizinho não tem como medir o que você está experimentando. Se nos colocarmos diante de um raio de sol em um dia frio, não teremos experiências similares. Prefiro o termo “consciência animal”.

Entendo que esse termo [senciência] é o que temos hoje para ajudar a proteger os animais, mas eu utilizo o termo “consciência animal”, porque são consciências diferentes das nossas, que não temos como medir. Somos muito utilitaristas. Quando você vai atrás de uma barata, ela corre, tem alguém ali que quer viver. Não tem um fungo que estão mandando para o espaço? Ele tem capacidade de aprendizado e ele é um fungo, então tem alguém ali. Mas é difícil ainda para o ser humano lidar com isso. A gente arruma justificativas, atribuímos a alguns animais o direito baseado na simpatia, no “certo”, na proximidade.

A barata, por exemplo, tem uma função biológica, mas justificamos a morte dela por uma questão de nojo pelos lugares onde ela anda e porque não percebemos a função dela. Se amanhã alguém descobrir que a barata em casa cura a Covid-19, as pessoas vão ter uma barata de estimação. Existe muita incongruência na sociedade. A sentiência ajuda a gente a conseguir direitos, mas é importante ultrapassarmos isso, essa concepção baseada em uma matriz do padrão humano, do cérebro humano. E não devia ser assim, pois a consciência humana também é um mistério, mas ainda nos baseamos nisso. Não reconhecemos o animal por aquilo que ele é, porque imagina se a gente reconhece o direito deles à vida, o que vai ser do mundo? É uma indústria poderosíssima de consumo.

Hoje já começo a achar que vamos fazer bastante força, mas não somos nós que vamos mudar. A indústria já começou a perceber que o mercado vegetal é novo. Existem políticas públicas para animais de estimação, e para levar isso para incluir mais animais é um trabalho do ativismo. Quantos políticos tiram foto com cachorro, mas quando são eleitos, esquecem totalmente porque não faz parte da ‘esfera’ de atuação deles.

LM: E em relação à política?

EB: A causa animal é muito desarticulada, tem muita briga, competição entre ONGs. Tem momentos em que um protetor ou uma ONG faz algo sério e importante, e o certo seria os outros irem junto, mas não vão. Não adianta ter só uma lei, só um hospital veterinário, é preciso ter isso na escola também. Já fui convidada por prefeito para participar de projeto e quando ele viu o que era, não quis mais. Porque imagina só colocar as pessoas para se preocuparem com animais, né? Parece um absurdo. Mas existe esse afeto pelo animal, existe interesse, mas os tomadores de decisão não têm o contato total com tudo isso, com a subjetividade dos animais, o desejo que eles têm de viver, a importância deles para nós como sociedade e que eles tenham o valor que precisam.

Minha tese de doutorado tem isso, fui para o Pantanal estudar as relações do turismo e descobri que esses animais estão lá e foram caçados há décadas, como a onça, por exemplo. Chegavam a matar mais de 100 onças por dia. A partir do momento em que ela passa a ser um atrativo turístico, passa a render dinheiro, começam a proteger. Será que esse animal não tem o direito de viver só porque ele merece? Assim como nós queremos? Mas as pessoas não enxergam assim. Estamos em uma sociedade em que o animal, para sobreviver, precisa ter valor de uso. Nós avançamos, porque até pouquíssimo tempo atrás não tínhamos nada, mas ainda falta muito. Depende de uma articulação muito maior. As políticas públicas são uma fundação, elas vão funcionar para as gerações. Vão resolver tudo do dia para a noite? Não. Mas vai começar a construir algo. Talvez você não veja, mas o seu filho veja. Não se iluda, a gente avançou, mas ainda falta muito.

Os animais falam com a gente o tempo todo. Você viu a questão das olimpíadas? O sofrimento deles ficou evidente, eles mostraram o sofrimento deles. Infelizmente o ser humano precisa ver casos extremos para notar, talvez daqui a 5, 6 anos, não tenha mais esse negócio. Então não é só o ser humano que muda, o animal também muda, e quem são os animais que estão falando mais de perto com a gente nas sociedades? São os que os homens escolheram como “propriedade”: os cães e gatos. A gente tende a se sentir mais próximos deles e o processo natural é querer proteger, por isso existem leis mais específicas para os domésticos.

Na sociedade comum é assim, existem vários animais, pode ser a mesma espécie, mas o daquela pessoa é o dela, é diferente. Já o que está na rua é uma praga, transmite doença e ela quer mais é que suma. Tem dó, mas é aquela pena de dar uma comidinha e passar reto. As políticas públicas nascem quando mobilizam o nosso afeto, mas a gente precisa que seja muito mais. O animal não cabe na zoonose, não cabe na secretaria de bem-estar animal, porque ele está em tudo! Na secretaria de finanças, na de saúde, em tudo. Mas temos que avançar para isso. Precisamos de

políticas que não sejam eleitoreiras. É lindo inaugurar um hospital público veterinário, é lindo tirar foto com animal no colo, mas e depois?

Quando visitamos as periferias vemos o quanto as pessoas amam seus animais, mas não têm condições de cria-los, muitas vezes, por não terem nem para elas mesmas. E aí, é só o hospital que resolve? Esse assunto é muito delicado e temos muito trabalho ainda pela frente, e não pode ser um trabalho só das ONGs. As pessoas acham que tudo na causa é divertido. “Ai, eu queria passar o dia cuidando e falando de bichinho”. E parece que eu crio coelhos mágicos.

Olha essa situação. Na época do meu mestrado, a bolsa era bem pouca, então eu trabalhava em várias coisas para conseguir dinheiro e pesquisava de madrugada, era o meu horário. Eu chorava, você não tem ideia. Porque mesmo estando na causa animal, os protetores, muitas vezes, só veem cão e gato. Muitos dos [protetores] que eu entrevistei comem carne. Então esse conceito de não comer carne ainda é muito recente. E aí na época que eu comecei a pesquisar, fui entender e ver o sofrimento. Eu chorava muito, de ver a forma como esses bois viviam. É sofrimento o tempo todo. A sociedade que a gente construiu virou as costas para os animais. Como a gente consegue? Essa é a fronteira mais difícil. Hoje eu estou abraçando os carnívoros, sabe por que? Porque eles querem começar de algum lugar, e eu faço parte de grupos feministas e é impressionante a quantidade de gente que chega dizendo “eu como carne, me desculpa”. Elas vivem um conflito muito grande e acabam se afastando, porque se sentem julgadas ou que falharam. Porque o veganismo é um caminho de cair e levantar para a maioria das pessoas

LM: Depois de iniciar na proteção e no voluntariado da causa animal, é muito difícil conseguir dissociar o que é o protetor da pessoa enquanto indivíduo e acaba virando tudo uma coisa só, como uma identidade. Na sua visão, o que faz as pessoas dedicarem suas vidas ao universo da proteção animal?

EB: Eu falo sempre que tenho meu marido, meus sobrinhos e uma família que entende que essa é minha vida. E no caso dos protetores é a vida deles, como é a sua vida e como você falou, é a nossa identidade, não se separa mais. Eu sinto que isso é uma questão de ter uma conexão maior com as outras espécies, e não sei como se explica isso não, se é criação, se a gente nasce assim, se a gente apanha na escola e resolve ficar amigo de um gato porque sofreu *bullying*, são vários casos. Conheço lideranças do movimento animal que me falaram que antes não gostavam de bicho. “Eu não suportava animal, não gostava de gato e um dia apareceu um cachorro na porta da minha casa, tremendo, eu acudi e estou aqui até hoje”. Mas eu acho que talvez seja uma percepção da dor do outro, de buscar amenizar isso, a visão do compromisso social. Mas o que eu acho que está no fundo de tudo isso... o amor. Eu acho que o afeto é o que move tudo na gente. É

olhar para um animal e conseguir identificar e tentar minimizar o sofrimento. Não que sejam pessoas melhores que outras, mas são diferentes. São os seres empáticos que movem as transformações, de todos os lados.